

ALTA COMPLEXIDADE

A REVISTA DIGITAL DA FUNDAÇÃO PB SAÚDE

V.6-N.2 | 2024

ISSN 2764-0833



VEJA AS EDIÇÕES
ANTERIORES AQUI:

Conquistas

Unidades e serviços gerenciados pela PB Saúde conquistam habilitações, certificações e boas avaliações



ENFERMAGEM EM DESTAQUE

Dia D+ Saúde

Colaboradores da PB Saúde promovem ações sociais e conseguem doações para lar de idosos e penitenciária feminina de João Pessoa

Profissionais ressaltam desafios, celebram

conquistas e buscam avanços para a categoria



SUMÁRIO

| | | |
|---|----|--|
| CPRE É REALIZADO NO HSGER | 02 | |
| CRIANÇA RECEBE ALTA APÓS 2 ANOS | 04 | |
| HM REALIZA TRANSPLANTES CARDÍACOS | 07 | |
| NOVOS LEITOS E EQUIPAMENTOS EM CAMPINA GRANDE | 10 | |
| TROMBECTOMIA MECÂNICA É REALIZADA EM PATOS | 13 | |
| HSGER AMPLIA SERVIÇOS | 15 | |
| BLOOD PATCH: COMBATENDO CEFALEIA RARA | 20 | |
| TECNOLOGIA CONTRA PARKINSON E EPILEPSIA | 22 | |
| PIELOPLASTIA E POSTO DE COLETA NO HSGER | 25 | |
| CORAÇÃO PARAIBANO COMPLETA UM ANO | 28 | |
| CLIMA CARNAVALESCO NA PB SAÚDE | 32 | |
| EMPATIA E HUMANIZAÇÃO NO METROPOLITANO | 34 | |
| FEVEREIRO ROXO: PREVENINDO O ALZHEIMER | 36 | |
| DIA INTERNACIONAL DA MULHER | 38 | |
| ABRIL VERDE: PREVENINDO ACIDENTES DE TRABALHO | 40 | |
| DOAÇÃO DE SANGUE RECORDE NO HM | 43 | |
| INEDITISMO NA RESIDÊNCIA MÉDICA DO HM | 45 | |
| REGIONALIZANDO A EDUCAÇÃO COM O NEPS | 47 | |
| MAIS DE MIL PROFISSIONAIS CAPACITADOS | 49 | |
| NOVO CONCURSO DA PB SAÚDE EM 2024 | 52 | |
| PB SAÚDE CONQUISTA CERTIFICAÇÃO CEBAS | 54 | |
| UNIDADES E SERVIÇOS COMEMORAM ANIVERSÁRIOS | 58 | |
| DIA D+ SAÚDE: AÇÕES BENEFICENTES | 60 | |
| ENTREVISTA: TUDO SOBRE A BARIÁTRICA | 64 | |
| PERFIS DE PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM | 72 | |

Expediente

EDITORA-CHEFE

Mayara Dantas
(DRT: 4130/PB)

REPÓRTERES

Diogo Almeida
Mary Jessica
Milena Feitosa
Phillipy Costa
Thadeu Rodrigues
Thibério Rodrigues

DESIGNER GRÁFICA E DIAGRAMADORA

Alice Pereira

COLABORADORES

Aline Luna
Érika Carvalho
Joyce Kelly
Helder Lopes
Henrique Soares

REVISÃO

Diogo Almeida

FOTOGRAFIAS

Ascom PB Saúde
Secom-PB
Isabely Morais



Clique para acesso rápido

EDITORIAL

Para a capa desta 17ª edição da Revista Alta Complexidade, escolhemos falar sobre a importância da valorização da Enfermagem, a espinha dorsal de qualquer sistema de saúde. A categoria é responsável por uma série de atividades e desempenha um papel crucial na identificação precoce de condições de saúde, na realização de exames e no suporte emocional aos pacientes e suas famílias. Em fevereiro deste ano, a equipe de enfermagem da PB Saúde celebrou um ano do recebimento do pagamento relativo ao novo piso salarial da Enfermagem, uma conquista histórica para esses profissionais. Para celebrar esse marco, nesta edição temos uma seção especial com perfis de profissionais de enfermagem que são destaques em nossas unidades.

Uma novidade que apresentamos nesta edição também é uma entrevista com o médico Daniel Hortiz, um dos responsáveis pelas cirurgias de bariátrica e metabólica realizadas no Hospital Edson Ramalho. O médico conta tudo sobre esse procedimento que ajuda a melhorar a qualidade de vida e reduzir doenças associadas à obesidade na vida de centenas de paraibanos.

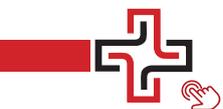
A conquista de certificações e habilitações também são destaque nesta edição. Apenas com o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS), recebida em março deste ano, foi possível gerar uma economia mensal inicial de mais de 4 milhões de reais aos cofres públicos do Estado. E por falar em assistência social, nas próximas páginas você vai conhecer o espírito de solidariedade dos colaboradores e amigos da PB Saúde que, unidos pelo desejo de ajudar o próximo, criaram o Dia D+ Saúde, uma ação social e voluntária voltada à oferta de atendimento médico e multiprofissionais em diversas especialidades e doações para instituições e comunidades que necessitam.

Fatos inéditos, como a 1ª captação de múltiplos órgãos seguida de transplante cardíaco, realizada no Hospital Metropolitano, também ganharam destaque nesta edição, que traz um balanço das ações, serviços e procedimentos realizados nas unidades gerenciadas pela PB Saúde no primeiro quadrimestre de 2024. A ampliação de serviços no Hospital Edson Ramalho também ganhou um espaço especial em nossa revista, a reestruturação do hospital veio para beneficiar ainda mais os paraibanos, que agora contam com uma unidade de referência em mais uma especialidade médica, a otorrinolaringologia.

Outra boa nova que está presente na 17ª edição da nossa revista é a assinatura da autorização para a contratação da empresa organizadora do novo concurso da PB Saúde, que vai ofertar mais de 1.400 vagas para convocação imediata e mais de 2 mil vagas para cadastro de reserva para todos os programas e unidades que a PB Saúde ainda deve assumir nos próximos anos.

Essas são apenas algumas das novidades que você vai ler nas próximas páginas, onde terá a oportunidade conhecer os resultados que a gestão da PB Saúde está alcançando, seja na capacidade de leitos ou na ampliação do parque tecnológico e demais serviços.

Boa leitura!



Colangiopancreatografia retrógrada endoscópica

Procedimento terapêutico de alta complexidade
possibilita rapidez na recuperação dos pacientes



O que é?

A Colangiopancreatografia retrógrada endoscópica (CPRE) é utilizada para a desobstrução das vias biliares nos casos de doenças como coledocolitíase (pedras no canal do fígado) e tumores malignos no pâncreas e no canal do fígado.

Segundo o cirurgião e endoscopista Victor Andrade, que atua no Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER), a CPRE proporciona conforto e qualidade de vida ao paciente, por ser mais vantajosa do que uma cirurgia convencional. Segundo ele, o tempo de recuperação é bem menor.

“Se no dia seguinte, o paciente está bem, ele já recebe alta. Antigamente, era preciso operar para tirar a pedra do canal do fígado,

com incisão abdominal, sendo necessário um pós-operatório de 10 a 15 dias. Portanto, nós diminuimos o tempo de internação, liberando o leito para outros pacientes”, contou o médico.

O especialista explicou que o procedimento terapêutico permite o acesso à via biliar do paciente para tratar diversas doenças, sobretudo a coledocolitíase (pedras no canal do fígado). “Essas pedrinhas podem migrar para o canal do fígado, o que faz com que o paciente fique com a pele amarelada, urina escura e fezes esbranquiçadas. Então, com esse procedimento cirúrgico por endoscopia, nós retiramos essas pedrinhas”, simplificou.

Foi com esse quadro sintomático que a paciente **Maria das Graças, de Santa Rita, chegou ao HSGER.** “Eu estava amarelada e debilitada, com dores na vesícula. O pessoal da enfermagem não conseguia nem acesso às minhas veias, mas a equipe cuidou bem de mim e agora estou com condições de fazer esse procedimento”, esclareceu ela.

Ainda de acordo com Victor Andrade, a CPRE também é realizada para o tratamento de tumor do pâncreas, que obstrui o canal do fígado. “Nesse caso, é preciso passar um *stent* biliar para desobstrução. Também há utilidade quando o paciente apresenta quadro de co-

langiocarcinoma, tumor maligno que se forma no canal do fígado e que pode obstruí-lo”, elucidou.

Modernização

A CPRE é realizada no HSGER desde agosto de 2023, após a unidade hospitalar passar para a administração da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde). Segundo o diretor-técnico do hospital, Ramonn Chaves, o procedimento é realizado em apenas três hospitais da Paraíba. Apesar de estar no rol de atendimentos do Centro de Diagnóstico por Imagem (CDI), a realização do procedimento é no bloco cirúrgico, devido à sua complexidade.





Desospitalização

Após dois anos de internação,

criança recebe alta e vai conhecer a sua casa

O pequeno Rafael Basílio deu entrada no Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires em 31 de janeiro de 2022, quando ainda era recém-nascido, para realizar a correção de uma cardiopatia congênita, comum em crianças com síndrome de Down. Após dois anos, no dia 21 de fevereiro de 2024, chegou o dia do menino deixar a ala pediátrica da unidade hospitalar e ir para casa. A despedida foi marcada por muita emoção.

De acordo com a médica que o acompanhou, Dra. Ynnaiana Navarro, o procedimento de correção é uma cirurgia muito grave e devido algumas complicações inerentes ao pós-operatório, Rafael teve uma parada cardíaca prolongada. “Devido a intercorrência e a gravidade de toda a situação, ele ainda precisou fazer a instalação da traqueostomia e gastrostomia, necessitando ficar internado para o processo de reabilitação e tratar algumas in-

fecções e outras intercorrências, decorrente da parada cardíaca prolongada”, explicou.

A médica contou, ainda, que no período de internação, Rafael teve muitas idas à Unidade de Terapia Intensiva (UTI), mas que há seis meses a equipe multiprofissional percebeu que seu quadro de saúde estava mais

estável e foi iniciado processo de desospitalização. “Fizemos o possível para o Rafinha voltar ao seu convívio familiar, na sua casa, mas era preciso trabalhar com a família essa segurança de sair do hospital, além da montagem de um *home care*, que é um procedimento demorado, tanto tecnicamente como psi-



colocadamente, em que o Estado fornece toda uma estrutura técnica, um suporte adequado para casa. Principalmente porque o Rafinha estava há muito tempo com a gente, então foi feito esse trabalho diariamente, com toda a equipe que é composta por muitos profissionais”, destacou.

“Eu só quero agradecer a toda a equipe médica, enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia, serviço social, nutrição, toda a direção do hospital, todo mundo. Agradeço de todo o

meu coração por tudo o que vocês fizeram por mim. Não foi fácil chegar até aqui. Foi muita batalha, muitas lutas e eu agradeço do fundo do meu coração a toda a equipe do Hospital Metropolitano. Hoje eu estou muito feliz de levar meu filho para casa. Tiveram momentos que eu achava que eu não ia conseguir levar Rafael, mas Deus é maravilhoso e eu vou levar ele para casa hoje”, comemorou Maria Vitória Basílio, mãe de Rafael.



Na saída do leito, ainda no corredor da ala pediátrica, Rafael foi ovacionado pela equipe de humanização do hospital e todos os profissionais que o acompanharam durante o tempo que permaneceu interno. A mãe de Rafael ainda recebeu algumas lembranças e um álbum com registros fotográficos de alguns momentos vivenciados durante

a permanência de mãe e filho na unidade de saúde.

Ao reforçar que a PB Saúde vem fortalecendo esse processo de desospitalização dos pacientes, a diretora de atenção à saúde da Fundação, Ilara Nóbrega, enfatizou que não se trata de retirar o paciente do hospital de qualquer jeito, mas sim de um processo

cauteloso e que impacta diretamente na assistência necessária a ser prestada, uma vez que o paciente fica refratário no leito, sem indicações de novos procedimentos, distante da família, do convívio social, reflete na sua qualidade de vida.



Desospitalização

Conforme explicou a coordenadora do Serviço Social do Hospital Metropolitano, Carmen Meireles, o processo de desospitalização foi implantado no Metropolitano há três anos, como uma estratégia de gestão para atender de forma mais direcionada os pacientes

de longa permanência.

Para que ocorra o processo, existe uma equipe direcionada para acompanhar melhor, inclusive com um assistente social específico, no Núcleo de Internação e Regulação, que acompanha e identifica o que está impactando a permanência do paciente no hospital. Após

essa avaliação, é verificada a viabilidade de transferência desse paciente para um hospital de “retaguarda” (que pode ser um hospital no município de residência do paciente) ou a disponibilização de um home care para o paciente voltar para casa.

Novos Corações

Pacientes que passaram por transplante cardíaco agradecem por mais uma oportunidade de viver

Uma nova chance. É assim que as pessoas contempladas com um novo coração definem a vida após passarem por um transplante cardíaco. Para elas, a realização do procedimento marca um momento de recomeço.

O Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, referência em cardiologia e neurologia, recebeu o credenciamento para realização de transplante cardíaco em junho de 2020. Desde então, o Ambulatório de Transplante foi implantado na unidade para atendimento a pacientes candidatos ao procedimento.

Um desses pacientes foi Ramon Fernandes, 32 anos, que passou cerca de quatro meses internado no Hospital Metropolitano. Segundo a cardiologista Roberta Barreto, em 2018 ele foi diagnosticado com um quadro de insuficiência cardíaca e passou





a ser acompanhado pela equipe médica do hospital, mas teve uma piora e houve indicação para transplante cardíaco.

A história da vida de Ramon mudou em 16 de março de 2024, após a família de um paciente de 19 anos, que teve morte encefálica confirmada, disse sim para a doação de múltiplos órgãos. A captação aconteceu no Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, em Campina Grande. O coração foi transportado para Santa Rita por via aérea, em uma aeronave do Corpo de Bombeiros. Em seguida, uma ambulância levou a equipe e o coração até o Hospital Metropolitano. Na unidade, o procedimento de implantação do coração durou pouco mais de três horas, e o transplante foi um sucesso.



“Eu só tenho a agradecer à família do meu doador e dizer a toda a população que sejam doadores de órgãos, salve vidas. Eu sei que é um momento muito difícil, pois não é fácil perder um ente querido, mas é um gesto também de amor ao próximo”, disse Ramon.

Cerca de um mês depois, José Jonoilton Clementino, 53 anos, que sofria com uma insuficiência cardíaca grave e estava na fila de transplantes, ganhou uma nova chance de vida graças ao sim da família do paciente doador, de 38 anos, que teve morte encefálica confirmada em decorrên-

cia de uma hipertensão intracraniana. Além de agradecer a Deus e toda a equipe do hospital, ele agradeceu à família do doador que lhe deu esse presente. **“Tenho que agradecer a todos eles, porque receber um órgão é uma nova etapa, uma nova vida. Posso dizer que eu nasci novo”.**

Ineditismo

A doação de um novo coração para Jonoilton foi parte de um fato inédito na história Hospital Metropolitano, em que foram realizados, em sequência, uma captação de múltiplos órgãos e um transplante cardíaco. O doador, de 38 anos, morreu em decorrência de hipertensão intracraniana. Além de coração, foram doados fígado, rins direito e córneas.

O cirurgião cardiovascular Maurílio Onofre ressaltou que o fato do doador e receptor estarem em salas vizinhas na mesma unidade de saúde, além de ser algo inédito,

foi muito positivo para preservar a saúde do órgão doado, pois quando se trata de transplante, poucas horas fazem diferença. Para o coração, o tempo de isquemia é de apenas 4 horas, como nesse transplante o doador e receptor estavam muito próximos, decorreram apenas 5 minutos entre retirada e o procedimento de implante do órgão.

Num intervalo de apenas oito dias, o fato se repetiu: a unidade realizou a segunda captação de múltiplos órgãos seguida de transplante de coração. O beneficiado foi um homem de 53 anos, que estava há um ano na fila de trans-

plantes devido a uma cardiopatia grave. O paciente doador tinha 33 anos e morreu em decorrência de acidente vascular cerebral (AVC).

Histórico

Em março de 2022, a unidade hospitalar realizou o primeiro transplante cardíaco 100% SUS pela Paraíba. Já em 2023, foram realizados quatro transplantes cardíacos e, este ano, mais quatro. No total, o Metropolitano realizou nove transplantes ao longo de dois anos. Além do transplante em adultos, o Metropolitano tornou-se o 5º hospital público do país habilitado para fazer transplante de coração pediátrico.



Transplantes no HM

2022

01 transplante

2023

04 transplantes

2024

04 transplantes
(até 31 de maio)



Novos leitos e equipamentos

Hemodinâmicas ampliam atendimento

e auxiliam na recuperação dos pacientes

A PB Saúde entregou novos equipamentos de fisioterapia no serviço de Hemodinâmica de Campina Grande e inaugurou a nova Unidade de Decisão Cardiológica (UDC), na Hemodinâmica de Patos, com novos leitos, para oferecer uma

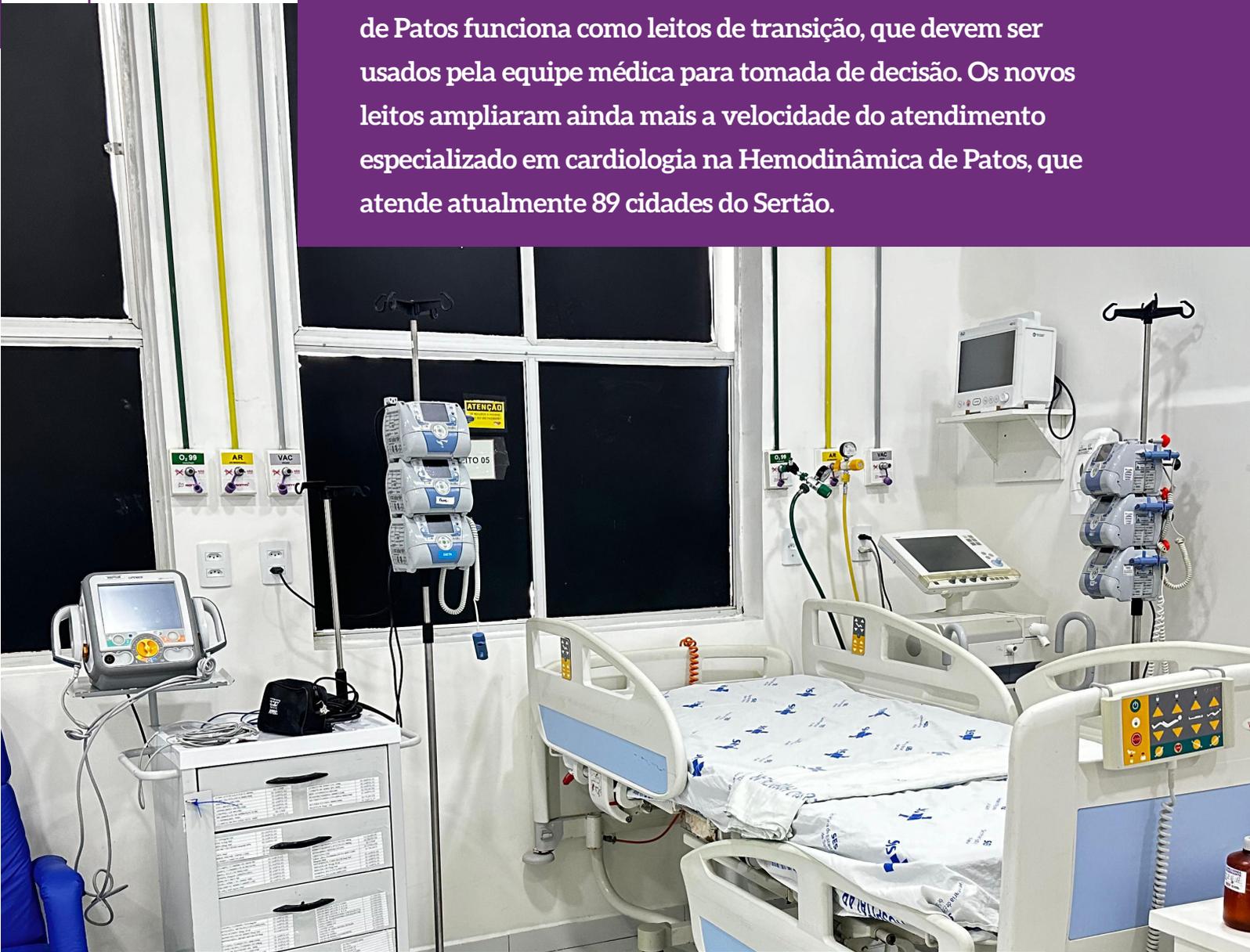
assistência mais eficiente aos pacientes cardiológicos.

Para a Diretora de Atenção à Saúde da PB Saúde, Ilara Nóbrega, a inauguração do novo espaço e a entrega dos novos equipamentos refletem o compromisso da Fundação com a excelência

no atendimento aos paraibanos. “Com leitos equipados e uma equipe dedicada, estamos prontos para avançar ainda mais na prestação de cuidados de saúde de alta complexidade, oferecendo uma resposta rápida e especializada aos nossos pacientes”, afirmou.



Dotada de cinco novos leitos completos, com monitores, multiparâmetros e respiradores, a UDC da Hemodinâmica de Patos funciona como leitos de transição, que devem ser usados pela equipe médica para tomada de decisão. Os novos leitos ampliaram ainda mais a velocidade do atendimento especializado em cardiologia na Hemodinâmica de Patos, que atende atualmente 89 cidades do Sertão.



Entre os novos equipamentos de fisioterapia da Hemodinâmica de Campina Grande estão: eletroestimulador portátil, equipamento de ventilação não-invasiva (VNI), espaldares, disco de propriocepção, hand grips, faixas thera band e máscaras de ventilação não invasiva orofacial e total face. Com os novos aparelhos, as condutas da equipe de fisioterapia foram potencializadas, resultando em mais benefícios e melhores condições de alta dos pacientes para retornarem às suas casas e ao convívio com seus familiares.



“Gostei demais do atendimento daqui e agora estou voltando para casa recuperado. Espero que todas as pessoas que passaram por aqui possam ser bem atendidas como eu fui”.

Cícero de Oliveira, morador do município de São Sebastião do Umbuzeiro, atendido na Hemodinâmica de Campina Grande.



Agora já estou me sentindo melhor e não sinto mais dor. Só tenho a agradecer a todos que me atenderam, porque são profissionais muito prestativos. Vou continuar me cuidando quando voltar pra casa”.

Ednaldo Barbosa, morador de Campina Grande e atendido pela Hemodinâmica do município.

Trombectomia Mecânica

Recurso de alta complexidade salvou

vidas de sertanejos na Hemodinâmica de Patos.

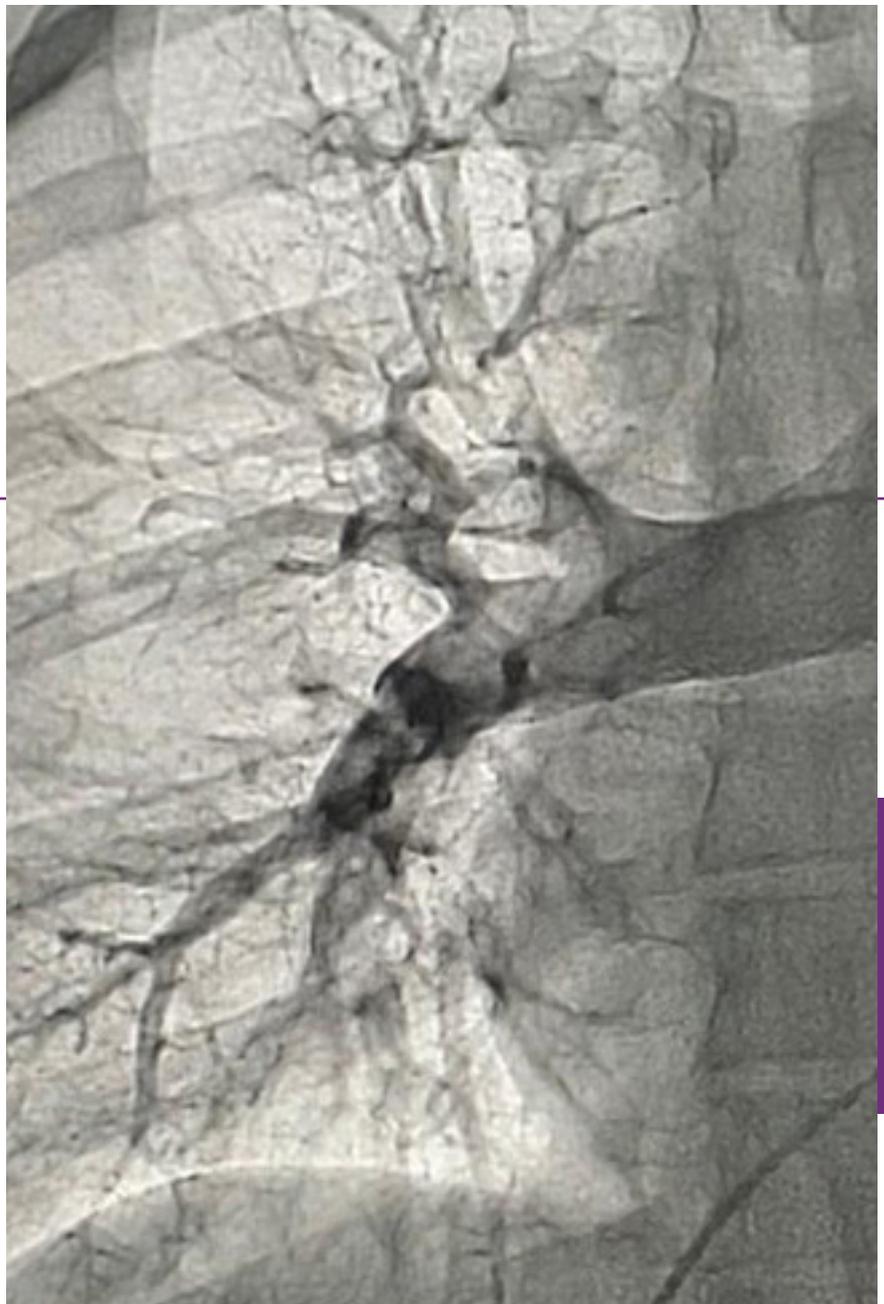
O que é?

A técnica é utilizada para remover os trombos do interior das artérias pulmonares dos pacientes.

O serviço da Hemodinâmica de Patos, gerenciado pela PB Saúde e situado no Complexo Hospitalar Regional Deputado Janduhy Carneiro, da rede estadual de saúde, vem sendo cenário de diversos procedimentos inéditos no Sertão da Paraíba, entre eles, a trombectomia mecânica, recurso de alta complexidade que antes só era realizado na região metropolitana e capital do estado.

Desde janeiro de 2024, o serviço realizou o procedimento em três pacientes, sendo todas mulheres. A primeira pessoa que se submeteu a esta técnica na Hemodinâmica de Patos foi uma idosa de 81 anos.

De acordo com o cardiologista e hemodinamicista Jeann Santiago, a trombectomia foi realizado com sucesso, por meio da infiltração de um fármaco trombolítico dire-





tamente nos vasos pulmonares, de forma a digerir os trombos residuais. “Caso não tivesse sido feito o diagnóstico e o tratamento invasivo na hemodinâmica, inevitavelmente teríamos um desfecho ruim devido à gravidade da situação”, lembrou.

Já a segunda paciente que passou pelo procedimento, poucos dias depois da primeira tromboectomia no serviço, foi uma enfermeira de 29 anos que apresentava dor torácica e cansaço intenso. Neste caso, foi realizado trombolítico intrapulmonar se-

guido de tromboectomia mecânica com aspiração de trombos. O procedimento foi concluído com sucesso sem intercorrências.

O caso mais recente foi da paciente Maria Alves de Sousa, 88 anos, que passou por uma tromboectomia mecânica de urgência, no dia 13 de fevereiro. O procedimento foi crucial para salvar a vida dela, que deu entrada no serviço de hemodinâmica com um quadro de cansaço significativo, após desenvolver uma trombose pulmonar no período pós-operatório de uma remoção de tumor.

“A tromboectomia mecânica que realizamos foi um procedimento crucial que decidiu entre a vida ou a morte da paciente. Caso não houvesse aqui o serviço de hemodinâmica e um profissional capacitado para realizar a tromboectomia, a paciente iria a óbito, visto que o coágulo estava impedindo a passagem de sangue para o pulmão e, conseqüentemente, para o coração”, explicou Jeann Santiago.



Mais especialidades

HSGER amplia serviços disponibilizados à população

Buscando oferecer um atendimento cada vez melhor aos seus usuários, o Hospital Edson Ramalho tem ampliado serviços disponibilizados na unidade, a exemplo da especialidade de otorrinolaringologia, da fisioterapia, fechamento de colostomia, do procedimento de histeroscopia para diagnóstico de patologias intrauterinas e da assistência aos recém nascidos, que agora conta com atendimento de farmácia clínica.

Para o diretor hospitalar do HSGER, Cícero Ludgero, a reestruturação do hospital é relevante para os paraibanos, que agora contam com uma unidade de referência em mais uma especialidade médica. “É mais um passo importante que estamos dando, ampliando os serviços e ofertando otorrinolaringologistas que vão dar suporte em regimes de plantão todos os dias”, comemorou.

Otorrinolaringologia

Os atendimentos de otorrinolaringologia na unidade hospitalar começaram no mês de fevereiro



de 2024, por meio de regulação da Secretaria Estadual de Saúde (SES-PB). Em linhas gerais, devem procurar os serviços dessa especialidade as pessoas com sintomas de dores agudas de ouvido ou garganta, rouquidão, tontura relacionada a mal-estar nos ouvidos, nariz, garganta, laringe e pescoço. Os atendimentos acontecem 24 horas por dia. Além disso, o serviço também está realizando cirurgias eletivas nesta especialidade.

A estudante Valéria Ferreira, moradora do município de Ingá, foi uma das beneficiadas pelo novo serviço. “Eu não conseguia respirar direito, meu nariz sangrava e eu tive que procurar ajuda num posto de saúde de Ingá. Depois disso me encaminharam para o Edson Ramalho, onde fiz a consulta no começo do mês e marcaram a cirurgia para o dia 15. Graças a Deus eu fui muito bem atendida e deu tudo certo”, lembrou.



Assistência a recém-nascidos

Outro serviço ampliado no Hospital Edson Ramalho foi a assistência a bebês recém-nascidos na Maternidade com atendimento de Farmácia Clínica na unidade de terapia intensiva (UTI) neonatal e na unidade de cuidados intermediários neonatais (Ucin), aumentando a segurança nos protocolos de saúde.

A coordenadora da Farmácia Clínica do HSGER, Juliana Carreiro, explicou que, com a implantação do serviço, os farmacêuticos vão aos leitos dos bebês para

acompanhar sua evolução, observando a prescrição médica. “Os profissionais avaliam se há interação entre medicamentos ou com a alimentação para realizar essa intervenção com os médicos ou nutricionistas, decidindo, em conjunto, mudanças no protocolo de assistência”, afirmou a gestora, ressaltando que somente alguns hospitais no estado possuem esse tipo de serviço.

A dona de casa Angelina da Silva é mãe da pequena Maria Fernanda, que atualmente está com dois meses de vida, e desde que nasceu segue internada na

unidade hospitalar. Angelina tem acompanhado o desenvolvimento da filha no HSGER e avaliou que o atendimento é bom para as duas.

“Quando ela tava na UTI, eu vinha de Itabaiana todos os dias para vê-la, porque eu tenho mais quatro filhos, em casa. Mas já que ela teve alta e foi para a Ucin, eu estou hospedada na Casa das Mães, dentro do hospital. Eu posso pegar minha filha no colo todos os dias, a hora que quiser. Todos os profissionais são bem atenciosos e, os farmacêuticos esclarecem tudo que a gente perguntar”, contou com alegria, Angelina da Silva.



Histeroscopia

O hospital disponibiliza a histeroscopia, que também pode ser cirúrgico, dentro das atividades do programa Opera Paraíba. A partir de sua realização, é possível fazer biópsia e diagnosticar doenças, como câncer de endométrio. A médica ginecologista e obstetra Ana Elisabete Dutra, explicou que o procedimento é realizado em bloco cirúrgico para avaliar a cavidade endometrial e verificar o tipo

de patologia ou lesão, a exemplo de pólipos ou sinéquia uterina. Outras indicações para sua realização referem-se à suspeita de má formação uterina, mioma, neoplasia ou hiperplasia endometrial.

A cabeleireira Josecláudia da Silva, de 40 anos, residente na cidade do Conde, foi submetida ao procedimento no HSGER. Ela contou que sofreu com hemorragia durante a menstruação, ficando anêmica. Ao suspeitar de mioma, fez exames de

sangue e ultrassom transvaginal, que detectou um pólipo no útero.

“Fui encaminhada a um ginecologista-cirurgião, que me sugeriu a histeroscopia. Ele explicou o procedimento e fui encaminhada ao Edson Ramalho. Durante o procedimento, a médica verificou que, em vez de um, havia vários pólipos que não apareciam no ultrassom. Ela retirou todos e enviou para análise”, relatou a paciente.





Sessões diárias de fisioterapia

Os serviços de Fisioterapia no HSGER foram, recentemente, ampliados com plantões maiores e mais profissionais atuando na unidade de saúde, e a mudança já está tornando o tratamento dos pacientes mais eficiente, inclusive, na redução do tempo de internação na unidade. Diante dessa ampliação, novos protocolos assistenciais estão sendo implementados, um desses protocolos propõe a experiência de levar o paciente para um ambiente intra-hospitalar, fora do leito, onde são realizados exercícios ao ar livre

que têm marcado, de forma positiva, a evolução do seu quadro clínico.

Um dos casos é a paciente Mari-neide de Lourdes dos Santos, de 65 anos, que estava internada na unidade se recuperando de um derrame pleural. Moradora do município de Santa Rita, ela deu entrada na unidade hospitalar alegando dores no peito e dificuldades para respirar. E, dentre os cuidados multiprofissionais que ela recebeu, a fisioterapia foi marcante. “A equipe é maravilhosa, todo mundo bem atencioso com a gente. São anjos. Eu tenho me sentido muito bem depois dessas sessões. Com certeza,

depois que eu receber alta, vou continuar fazendo esses exercícios em casa”, comentou a paciente.

A fisioterapeuta do Hospital Edson Ramalho, Rayssa Castro, ressaltou que estimular a mobilidade dos pacientes previne os riscos de eventos de trombos, evita a formação de edemas, melhora a capacidade pulmonar. “Eles vão conseguir, por consequência, respirar melhor, andar melhor, ter sua funcionalidade preservada e melhorada. Então a gente consegue um ganho a curto, médio e longo prazo por esse paciente”, pontuou.

Fechamento de colostomia

Para proporcionar mais qualidade de vida aos pacientes colostomizados, o HSGER ampliou a oferta de serviços e, desde março de 2024, está realizando as cirurgias de fechamento de colostomia. O procedimento consiste na liberação de parte do intestino previamente exteriorizado na parede abdominal, seguido de fechamento do estoma (abertura cirúrgica realizada para construção de um novo trajeto localizado no abdômen para saída de fezes e urina), reconstituindo o trânsito digestivo.

De acordo com o diretor hospitalar Cícero Ludgero, além das cirurgias, o Edson Ramalho está disponibilizando desde a consulta no ambulatório especializado até os exames pré-operatórios necessários para realização do procedimento. “Lá na nossa cidade não conseguimos essa cirurgia. Então fomos encaminhadas para cá. Ficamos muito surpresas com a rapidez no atendimento e na marcação do procedimento. Graças a Deus está dando tudo certo e só temos a agra-

decer a toda equipe do hospital pelo trabalho”, contou Zenaide Ferreira, filha de Maria da Conceição Ferreira, moradora da cidade de Guarabira, que foi submetida ao procedimento de fechamento de colostomia.

Para ter acesso ao serviço no Hospital do Servidor, inicialmente os pacien-

tes devem procurar o ambulatório da unidade para agendar consulta, passar pela avaliação do médico da especialidade, posteriormente serem encaminhados para realização de todos os exames necessários, até o agendamento da cirurgia propriamente dita.





Blood Patch

Procedimento para tratamento de caso raro

de cefaleia é utilizado no Hospital Metropolitano

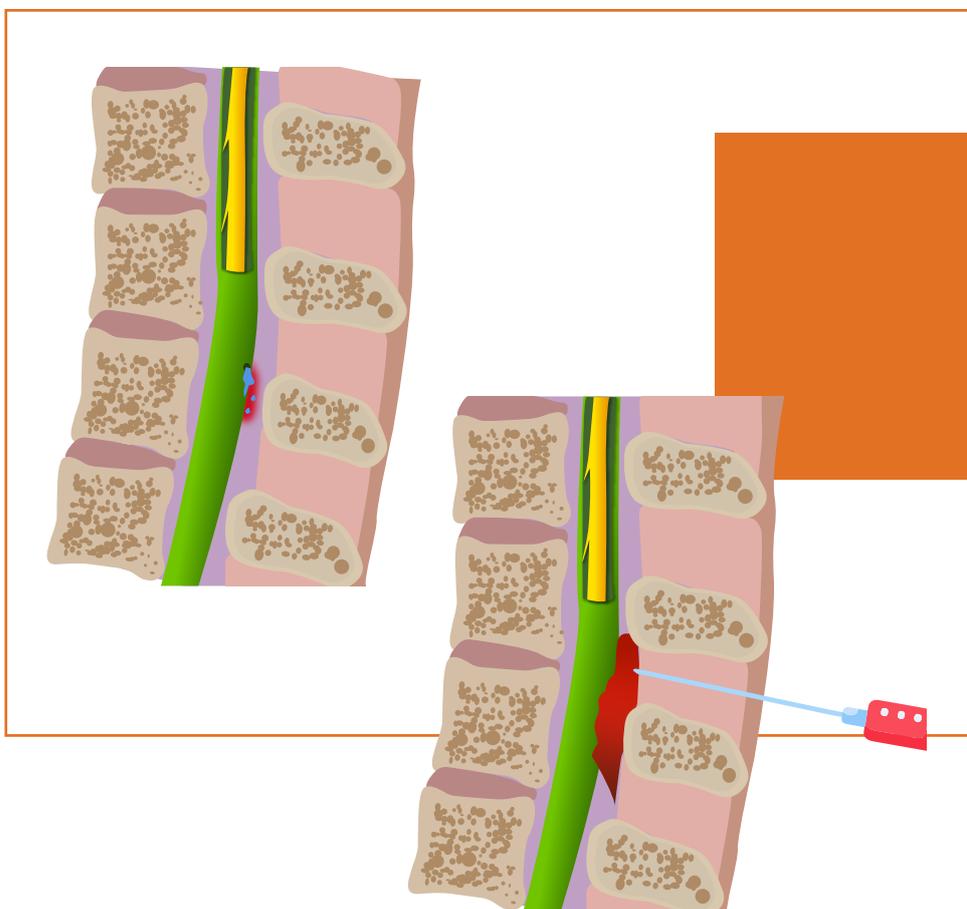
O *blood patch* é um recurso médico que usa o próprio sangue do paciente para criar uma “cola de sangue” e restaurar a membrana para o tratamento de uma cefaleia rara. A técnica foi utilizada pelo neurocirurgião Daniel Ronconi, no Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, para o tratamento de uma mulher de 67 anos de idade.

O médico informou que fez uma punção lombar até o espaço peridural onde foram injetados 18 ml de sangue de maneira lenta. “A ideia é que esse sangue vai preencher o espaço e aumentar a pressão dentro desse espaço, igualando, ou até mesmo ficando maior do que a pressão do espaço intradural, e assim impedindo de sair o líquido que está dentro da medula”, explicou Daniel.

A paciente Hildefran de Oliveira, da cidade de Patos, após passar por uma intensa investigação, foi diagnosticada com uma hipotensão liquórica (vazamento do líquido da medula espinal que, na

maioria das vezes, é causado por uma pequena lesão mecânica do envoltório da medula, ou por um divertículo da raiz espinal, ou por uma fístula liquórico-venosa) que ocasiona essa cefaleia diferente e rara. Ela relatou que desde

muito nova sofria com crises fortes de enxaqueca, mas há uns sete meses as crises de dores de cabeça foram agravando e aparecendo outros sintomas que a fez buscar ajuda médica.



Atendimento Ambulatorial para casos de cefaleia

Desde 2023 que o Hospital Metropolitano implantou o serviço de atendimento ambulatorial para pacientes com cefaléia (dor em qualquer parte da cabeça, incluindo o couro cabeludo, pescoço superior, face e o interior da cabeça). Para ter acesso, o paciente precisa ir à uma unidade de saúde de qualquer município paraibano e receber o primeiro atendimento. A unidade emitirá uma Autorização de Procedimentos Ambulatoriais que será levada para a Regulação Municipal. Esta, por sua vez, enviará um e-mail com a solicitação para Regulação Estadual que irá agendar o atendimento no ambulatório do Metropolitano.

De acordo com o neurologista clínico Apolônio Peixoto, são atendidos mensalmente em torno de 40 pessoas e a maioria dos casos trata-se de cefaléia crônica, em que cerca de 80% dos pacientes respondem bem ao tratamento medicamentoso, entre 15% a 18% melhoram com algum procedimento como aplicação de bloqueio anestésico ou aplicação de toxina botulínica e menos de 5% precisam de algum tratamento cirúrgico.





Neurologia com tecnologia

Hospital Metropolitano oferece tratamentos

inovadores para pacientes com Parkinson e Epilepsia

As doenças de Parkinson e Epilepsia figuram entre os distúrbios neurológicos mais comuns na sociedade. No caso da epilepsia, trata-se de uma síndrome caracterizada pela alteração temporária e reversível do funcionamento do cérebro que causa reações físicas conhecidas como crises epiléticas. Já o Parkinson, é conhecido por comprometer os movimentos, principalmente dos idosos, uma doença crônica e progressiva que atinge o sistema nervoso central.

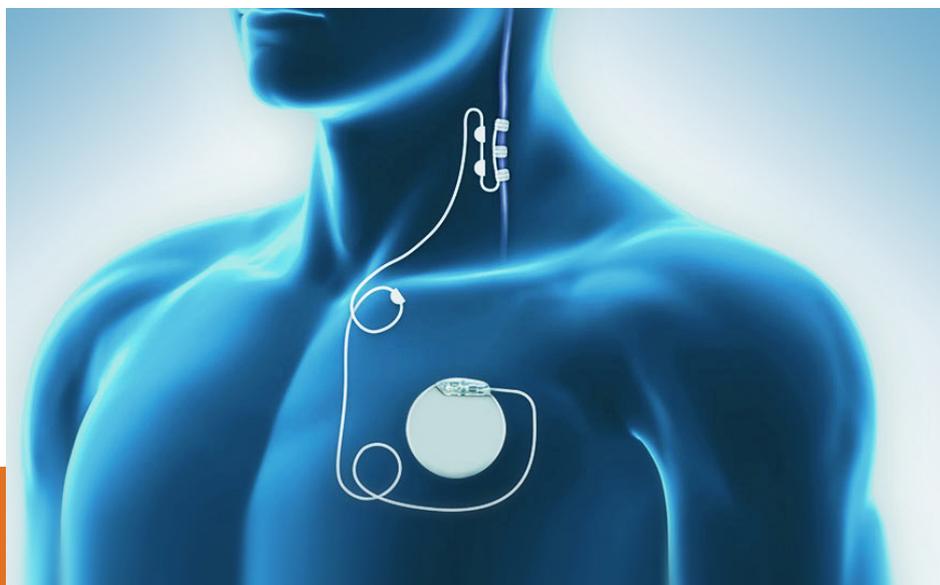
Visando melhorar a qualidade de vida dos pacientes acometidos por essas doenças, o Hospital Metropolitano vem oferecendo tratamentos inovadores como é o caso das cirurgias para o implante de eletrodos cerebrais (DBS) e o tratamento com toxina botulínica para pacientes com distúrbios do movimento.

Implantação de eletrodo de estimulação

A cirurgia de implantação de eletrodo de estimulação do nervo vago consiste em uma pequena incisão no pescoço para localizar o nervo vago onde é implantado o eletrodo. Esse eletrodo é conectado a um marcapasso cerebral, que fica implantado abaixo da clavícula do paciente. Quem se beneficiou com esse tipo de tratamento foi

Julieth Pessoa, da cidade de Jacaraú, que faz tratamento para epilepsia. Julieth sofre com crises que se intensificaram e a medicação não tem sido suficiente, levando-a a uma quadro de epilepsia de difícil controle.

“A ideia desse procedimento é que o paciente, através desse dispositivo, que emite um pulso elétrico quando o paciente vai ter uma crise epilética, reduza a frequência de crises. Após o procedimento é feito o acompanhamento do



paciente, o ajuste do aparelho, o aumento da intensidade dele à necessidade.”, alertou o coordenador do Ambulatório de Neurocirurgia Funcional do Hospital Metropolitano, Emerson Magno.

De acordo com o neurocirurgião, cerca de 30% dos pacientes diagnosticados com epilepsia evoluem para a epilepsia de difícil controle. São epilepsias que não respondem à terapia medicamentosa, mesmo associando dois ou três remédios com boa indicação. O especialista alertou que a cirurgia não vai curar a epilepsia, mas haverá uma redução das crises.

Esse tipo de procedimento também pode ser utilizado no tratamento da doença de Parkinson, que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerada a segunda doença neurodegenerativa mais comum, perdendo apenas para a doença do Alzheimer.

Aplicação da toxina botulínica

Além da realização da cirurgia para os casos mais complexos, o ambulatório do Hospital Metropolitano também está oferecendo tratamento com aplicação da toxina botulínica para distúrbios do movimento que podem ser ocasionados por diversas doenças, sendo a mais comum a doença de Parkinson.

De acordo com o neurologista, especialista em distúrbios do





movimento e toxina botulínica Alex Meira, o serviço é oferecido toda sexta-feira e conta com a participação dos residentes de neurologia. Alex explicou que atualmente a aplicação é feita em média a cada três meses, podendo chegar num intervalo de seis meses dependendo do paciente. A medicação começa a fazer efeito em 3 a 5 dias, com efeito máximo

em 15 dias após a aplicação.

“Nessas doenças, o músculo está hiperativado, ou seja, está hiperfuncionante por alguma causa. Então, a toxina vai reduzir a capacidade de ativação do músculo. Ela vai enfraquecer um músculo que está hiperfuncionante. Já no caso de dores, é outro mecanismo de ação. Ela acaba bloqueando a

ação de outros neurotransmissores que estão relacionados com as dores crônicas, mas no caso específico dessas doenças com distúrbio dos movimentos, é fazendo enfraquecimento da musculatura de forma específica, de forma organizada, na musculatura que a gente quer, na dose específica que a gente quer”, explicou Alex Meira.



Pieloplastia e Posto de Coleta

Serviços do HSGER auxiliam na melhoria

da saúde e qualidade de vida de seus usuários

O Posto de Coleta de Leite Humano do Hospital Edson Ramalho está auxiliando as mães com dificuldades na amamentação e possibilitando aos recém-nascidos o acesso ao alimento essencial à sua saúde. Com o posto de coleta, vinculado ao Banco de Leite Anita Cabral, as mães alimentam os bebês que não podem ser amamentados, e recebem doações de mães internas ou até externas, garantindo a saúde de seus filhos.

A coordenadora de Enfermagem da Maternidade do HSGER, Jaine Galdino, explicou que o leite é liberado apenas por prescrição médica e para suprir a necessidade dos recém-nascidos que estão na UTI neonatal e unidade de cuidados intermediários (Ucin). “Geralmente, o leite coletado é usado para bebês prematuros, que estão em respirador e não podem mamar no seio da mãe. Há também os casos de bebês prematuros que ainda não têm a coordenação da sucção e deglutição, e precisam fazer uso de sonda”, explicou.





A agricultora Renata Miranda veio do município de Gado Bravo para tratar do sistema respiratório de seu filho, que nasceu prematuro. Ele está internado na UTI neonatal, sendo alimentado pelo leite da mãe, mediante ordenha no Posto de Coleta. “Ele não conseguia mamar, e precisou ser internado porque o pulmão estava imaturo”, contou Renata Miranda. Mãe de mais duas crianças, ela está alojada na Casa das Mães, recebendo o apoio dos profissionais de saúde.

A história da técnica de enfermagem Maria José Oliveira, envolve doação, mas é um pouco diferente. Nos primeiros dias de nascimento do seu bebê, ela percebeu que tinha leite em excesso e resolveu doar. Contudo, ela parou de produzir o alimento e seu filho recebeu leite doado. “Essa situação durou uns dias, mas no momento em que eu pude pegar meu filho nos braços e amamentá-lo foi uma emoção grande, até chorei. Eu esperei 15 anos que ele chegasse e

ele veio”, disse emocionada.

Para auxiliar de serviços gerais Maria Renata dos Santos, a amamentação representa uma conexão única entre ela e sua filha, nascida no HSGER. “É um momento meu e da minha bebê que não tem explicação. É um amor incondicional. É perfeito amamentar essa princesa que eu passei nove meses esperando pra ver e sentir. A amamentação é como a transmissão do meu amor”, comentou.

Serviço

Com funcionamento 24 horas, o posto de coleta do HSGER está disponível às mães que têm filhos na maternidade do Hospital, bem como às mães da comunidade que tenham leite excedente e queiram doar. Para isto, basta entrar em contato com o Posto de Coleta pelo telefone 3211-7176. A equipe vai dar as orientações para realização do cadastro e recebimento do material para armazenamento do leite.

Pieloplastia

O Ambulatório de Urologia do HSGER realiza consultas e diversos procedimentos cirúrgicos minimamente invasivos para devolver qualidade de vida aos pacientes. Um destes procedimentos é a pieloplastia, uma cirurgia que desfaz o estreitamento que ocorre na junção do ureter com a pelve renal, um problema que pode causar dilatação renal, formação de cálculos por represamento da urina ou até perda do rim. O procedimento endoscópico é mais seguro aos pacientes e permite uma recuperação mais rápida do que o método com cortes na região lombar.

Segundo o coordenador de Urologia do HSGER, Rafael Arruda, as cirurgias são realizadas após as consultas ambulatoriais que confirmam as necessidades do procedimento, com o auxílio de exames por imagem, também feitos no hospital. “Na cirurgia, cortamos a área

de estreitamento entre a pelve renal e o ureter. Desmembramos e juntamos novamente, deixando um cateter para drenar e evitar o posterior estreitamento. O cateter é retirado após um período de 60 a 90 dias”, relatou o médico.

O operador de máquina rebobinadeira de plástico Marcelo Pereira, de 28 anos, passou pelo procedimento de pieloplastia. Residente na cidade de Itaporanga, ele sentia fortes dores nas costas e não sabia do que se tratava. “Fiz um ultrassom e uma tomografia, e o médico detectou um problema. Por meio da regulação, fui encaminhado ao Edson Ramalho, onde fui operado”, contou. Segundo o paciente, correu tudo bem na cirurgia e ele foi bem atendido por todos os profissionais de saúde.

Acesso ao serviço

O acesso às consultas ambulatoriais de Urologia, no Edson Ramalho, é por meio da Regulação, com o fluxo iniciando na unidade de saúde da família do município do paciente. No HSGER, o médico avalia a necessidade da realização da cirurgia.

Estenose

A estenose (estreitamento) na junção do ureter com a pelve renal pode ser de origem congênita, causando complicações ao longo dos anos, avaliou Rafael Arruda. Outra possibilidade é que seja causada por fatores secundários, como cálculo renal ou cirurgia prévia nos rins, que levam ao estreitamento do local. “O cálculo renal também pode ser consequência da estenose. O estreitamento faz com que a urina não saia da maneira correta, e crie cálculos renais. Na pieloplastia, o desmembramento do ureter na pelve possibilita a retirada de cálculos nos rins”, acrescentou.



Coração Paraibano

Em um ano de funcionamento,

Programa realizou mais de 10 mil procedimentos

Gerenciado pela PB Saúde, o Programa Coração Paraibano completou um ano de funcionamento em 10 de março de 2024, com 10 mil procedimentos realizados. Visando fortalecer a regionalização no SUS, o programa do Governo do Estado busca oferecer uma assistência em urgência e emergência cardiológica resolutiva aos cidadãos dos municípios paraibanos que residem longe da capital, salvando vidas do Litoral ao Sertão da Paraíba.

“O Coração Paraibano completa um ano de muito sucesso. Foi lançado com o objetivo de interiorizar a assistência de média complexidade e atender a todo o estado com uma rede complexa que envolve telemedicina, UTI aérea, 61 ambulâncias, trombolíticos e, acima de tudo, quatro centros de hemodinâmicas. E os números falam por si só, são mais de 10 mil paraibanos atendidos, com uma redução de mortalidade de mais de 20% porque, hoje, há um programa integrado que envolve todo esse



cuidado de forma efetiva”, comemorou o secretário estadual de Saúde, Jhony Bezerra.

As quatro hemodinâmicas do programa estão distribuídas em três hospitais, sendo duas no centro coordenador no Hospital Metropolitan, em Santa Rita, e dois centros especializados, sendo um no Hospital de Trauma de Cam-

pina Grande, e outro no Hospital Regional de Patos, responsáveis pelas ações de Cardiologia Intervencionista; além de 12 Centros de Referência que dão suporte na estabilização do paciente.

As ações e intervenções relacionadas ao Programa são apoiadas pela Rede Descentralizada do Serviço Avançado de Transporte Terrestre

e Aeromédico, e pelo Complexo de Regulação do Estado da Paraíba, responsável pelo mecanismo de transferência dos pacientes.

Paciente infartado é transferido por transporte aeromédico

Mais uma vida foi salva pelo programa Coração Paraibano, em fevereiro deste ano, por intermédio do Transporte Aeromédico. O paciente, de 62 anos, havia sido diagnosticado com infarto agudo do miocárdio e foi transportado do município de Gurinhém para o Hospital Metropolitano.

Quando chegou à Unidade de Pronto Atendimento da cidade, o paciente se queixou de dores fortes no peito e, ao receber atendimento médico, foi constatado que se tratava de um infarto e precisava ser transferido imediatamente para o Hospital Metropolitano, que é referência cardiológica na Paraíba.

Devido a distância de 50 km por meio terrestre, foi solicitado o serviço de Transporte Aeromédico, para agilidade do atendimento e sobrevivência do paciente. De acordo com o relato de Eliane Cavalcante, colega de trabalho do paciente, a agilidade no transporte foi fundamental para que a vida do seu colega fosse salva.

“Quando o médico viu que não daria tempo de ser transportado





na ambulância, solicitou logo o helicóptero. Logo em seguida ele foi para o local onde o helicóptero ia pousar e não esperamos nem 30 minutos. E graças à Deus que deu certo, porque essa agilidade que salvou a vida do meu colega”, relatou Eliane.

Chegando ao Hospital Metropolitano, o paciente foi submetido a uma angioplastia e encontra-se em observação na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Endovascular. O quadro do paciente é estável e a expectativa é que receba alta hospitalar em breve.

Educação Permanente percorre 14 municípios levando aperfeiçoamento para mais de 500 profissionais

Em março deste ano, o Programa Coração Paraibano completou um ano de funcionamento, se destacando por salvar inúmeras vidas de paraibanos e paraibanas, do Litoral ao Sertão. Para tornar essa realidade possível, o Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPS) vem realizando diversas capacitações, inclusive com a apresentação de novas práticas para os profissionais

das áreas assistenciais, principalmente da área de medicina, enfermagem, técnica de enfermagem e fisioterapia. Só no ano passado, a equipe do NEPS percorreu 14 municípios, treinando mais de 500 profissionais.

De acordo com o diretor superintendente da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde Ari Reis, para que o Programa cumpra o seu objetivo que é salvar vidas, é preciso investir não só em equipamentos como tem feito o governador João Azevedo, mas também no aperfeiçoamento dos profissionais, o que vem fazendo a PB Saúde.





Como funcionam as capacitações?

O instrutor e coordenador do laboratório de simulação realística da PB Saúde, o enfermeiro e professor Walber Frazão, explicou que a primeira fase dos treinamentos foi pautada na necessidade dos profissionais da rede hospitalar, gerenciadas ou não pela PB Saúde, de realizar adequadamente o eletrocardiograma; reconhecer as principais arritmias graves que podem levar a morte; conhecer o protocolo de administração de medicações trombolíticas que podem de imediato salvar a vida de um paciente com um infarto, caso ele não consiga chegar a tempo

a um serviço de hemodinâmica, pois “não adianta ter a ambulância hemodinâmica e não ter os profissionais que tenham conhecimento do protocolo e de como realizar os procedimentos”.

Walber ressaltou que existe também uma grande preocupação com os pacientes que chegam a ter uma parada cardiorrespiratória durante o atendimento inicial, ou chegam ter em parada cardiorrespiratória nas unidades de saúde esse serviço, necessitando muitas vezes do procedimento de reanimação, e desde 2020 alguns protocolos tiveram atualizações e por isso a importância de oferecer essas capacitações.

Atualizações: Entre os protocolos

que tiveram atualizações estão: compressões torácicas contínuas sem via aérea avançada por no mínimo três profissionais, sendo dois profissionais na ventilação com bolsa válvula máscara e um profissional na compressão torácica; ventilação com bolsa válvula máscara com uso da técnica eminência tenar; uso de filtro HEPA, HMEF na ventilação não invasiva e invasiva na reanimação cardiopulmonar; cuidados pós parada cardiorrespiratória com a manutenção da temperatura corpórea e prevenção da hiperóxia; uso do ventilador mecânico não invasivo e o controle de pressão inspiratória positiva na reanimação neonatal como padrão ouro na sala de parto; entre outros.



Clima carnavalesco

Hospitais gerenciados pela PB Saúde promovem ações alusivas a data e colorem ambiente hospitalar

Iniciando as atividades do calendário de eventos temáticos de 2024, a Quarta-Feira de Fogo foi de descontração, fantasias, adereços carnavalescos e muito frevo na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) do Hospital Edson Ramalho. Já no Hospital Metro-

politano, a comemorações foram realizadas no sábado de Carnaval, graças a uma ação planejada pela Comissão de Humanização da unidade que realizou o “Bailinho de Carnaval” na ala pediátrica da unidade, com a participação dos membros do Ministério Sorriso

Aberto. A ação contou com musicoterapia, atividades lúdicas e distribuição de pipocas para os pacientes, acompanhantes e colaboradores que estavam de plantão neste sábado de Carnaval.

“Ser mãe de prematuro não é fácil. Ele tinha o irmãozinho gêmeo,



que não resistiu. E todo esse clima de Carnaval, com as roupinhas, os enfeites, ameniza nosso dia a dia com eles. Cada dia é uma etapa diferente, é tipo uma roda gigante, um dia eles estão lá em cima, outro dia estão embaixo. Mas esse clima de carnaval deixa a gente mais espaiçada”, contou Josefa Gracilene, mãe do guerreiro Gael, que segue na luta pela vida, se fortalecendo a cada dia.

No Metropolitano, toda equipe de humanização entrou no clima e participou da atividade a caráter, com direito a fantasias, colar havaiano e roupas coloridas que são típicas desta época do ano. A ação foi realizada na internação pediátrica e na UTI pediátrica da unidade e, segundo a responsável técnica da Fonoaudiologia do Hospital Metropolitano, Simone Lins, foi um momento de proporcionar alegria, conforto e solidariedade aos pacientes em internação hospitalar.

“O grupo do Ministério Sorriso Aberto veio trazer justamente a espiritualidade que faz parte da humanização no cuidado. E a ação beneficiou não só as crianças, como também seus acompanhantes e os colaboradores. Todos ficaram muito felizes, muitos se emocionaram. O sentimento que prevaleceu nesse momento foi o de acolhimento e conforto”, relatou a fonoaudióloga.





Empatia e humanização

Paciente sob cuidados paliativos contempla o

pôr do sol com o filho no Hospital Metropolitano

Qual a importância do pôr do sol para sua vida? O que para muitos pode passar despercebido, até mesmo pela correria do dia a dia, para outros tem muita importância, principalmente para quem está internado num hospital sob cuidados paliativos. Foi o caso da paciente Adenice Bernardo, de 54 anos, internada no Hospital Metropolitano.

Sensibilizados com a situação da paciente, os enfermeiros Gerson e Lívia atenderam ao pedido da família para que ela, juntamente com o seu filho, Jefferson Bernardo, contemplassem o pôr do sol na área de convivência do hospital. O que para Jefferson foi um momento de muita emoção e ao mesmo tempo bastante difícil, pois sua mãe pedia insistentemente para voltar para casa e ele não podia atendê-la.

“Naquele momento eu não conseguia tirar ela do hospital e levar para casa e eu me senti nessa missão de poder confortar ela. Foi quando minha esposa teve a ideia de levá-la para a área externa na cadeira de rodas. Só que devido à condição física dela, não foi possível levar de cadeira de rodas, mas o enfermeiro disse que tinha condição de levá-la na cama”, contou Jefferson.

Jefferson relatou que aproveitou a oportunidade para lembrar junto à mãe vários momentos que ela viveu, tentando fazer o máximo para imaginar que estava na casa dela, se balançando na rede como gostava de fazer após o almoço. Ele disse que tudo conspirou a favor. “Naquele momento estava um vento bem parecido com o vento de uma praia, de estar ali na beira do mar, então tentei trazer esse sentimento para ela, pedi para ela fechar os olhos e fui falando, para ela imaginar na casa dela, deitada na rede. E isso para ela, pareceu ser uma realidade tão imensa que ela acabou acreditando nisso e fica me questionando como foi que eu fiz para levá-la tão rápido para casa”, disse Jefferson.

Ele disse ainda que foi muito gratificante poder confortar a mãe psicologicamente, devido a um momento tão difícil que ela está passando. “É isso, eu me sinto com a missão cumprida, como filho, que ama muito minha mãe, poder confortar ela numa situação tão difícil, que é a questão da enfermidade. Realmente eu senti o acolhimento do hospital em trazer esse conforto não só para ela, mas para a família”, comentou.

Sobre cuidados paliativos:

“O cuidado paliativo é uma abordagem multidimensional, que centraliza o paciente no plano de cuidado frente a uma doença ameaçadora de vida. A família é inserida nestes cuidados, também sendo abordada pela equipe da comissão de cuidados paliativos. Os impactos dos cuidados paliativos são a melhoria da qualidade de vida, diminuindo os incômodos que a doença avançada cause na rotina do paciente e da sua família”, ressaltou Ana Carla Porto, médica paliativista do Hospital Metropolitano.





Fevereiro roxo

Hospital Metropolitano promove conscientização sobre Alzheimer

O mês de fevereiro tem como destaque a campanha Fevereiro Roxo, que visa conscientizar a população sobre o lúpus, a fibromialgia e o Alzheimer. Sendo referência estadual em neurologia, o Hospital Metropolitano aproveitou a ocasião para fazer uma campanha de alerta sobre o Alzheimer para pacientes, familiares e colaboradores, por meio

de uma palestra com a enfermeira Laisa Marques. Durante o mês, também foram distribuídos panfletos explicativos sobre a doença, como preveni-la e os tipos de tratamento.

O paciente Francisco Guedes, de 76 anos, que aguardava a consulta, relatou que não conhecia os sintomas nem as formas de prevenção do Alzheimer, só após a entrega do panfle-

to e das orientações da enfermeira. Ele disse ainda que as informações passadas por Laisa, são semelhantes ao que acontece com a sua mãe. “Minha mãe era muito saudável, brincalhona, cuidou muito bem dos oito filhos. Hoje ela tem cem anos, mas não conhece mais os filhos, às vezes fala coisas sem sentido, muito parecido com o que a enfermeira explicou aqui”, relatou Francisco.



Diagnóstico e sintomas

Laisa explicou que o diagnóstico é feito, principalmente, pela anamnese, o histórico familiar, a parte clínica e associado também a exames de imagem, e que os principais sintomas são: diminuição em relação à memória (quando o paciente esquece alguns eventos, principalmente os eventos recentes); mudança do humor (quando uma pessoa torna-se mais agressiva ou então mais depressiva); mudança no sono (quando a pessoa fica com insônia).

Neuropsicologia

A coordenadora de psicologia do Hospital Metropolitano, Vaneide Delmiro, anunciou a reabertura do serviço de neuropsicologia na unidade, que é o primeiro hospital da rede pública a oferecer esse tipo de serviço, uma especialidade da Psicologia responsável por estudar e compreender a forma como o cérebro afeta as funções cognitivas. Dentre essas funções, podemos citar a memória, atenção, capacidade de julgamento, o raciocínio, as emoções e o comportamento. O objetivo da Neuropsicologia é compreender a função dos sistemas cerebrais em formas complexas de atividades da mente.





Dia Internacional da Mulher

Marcado por ações alusivas em todos os serviços gerenciados pela PB Saúde

Em seus quatro serviços gerenciados (Hospital Metropolitano, Hospital Edson Ramalho e as Hemodinâmicas de Patos e Campina Grande), as colaboradoras da PB Saúde foram homenageadas com

ações em alusão ao Dia Internacional da Mulher. Além de uma oportunidade para receber mimos e doces, a data foi um momento de reflexão sobre a importância da força de trabalho feminina no

desenvolvimento, tanto da gestão da instituição, quanto nos mais diversos setores em que a representação feminina é essencial para o bom funcionamento da Fundação.

“Num dia como este se faz necessário refletirmos sobre o papel da mulher atualmente e quais são os espaços que estamos ocupando. Na Fundação PB Saúde, por exemplo, 72,9% da força de trabalho é feminina e 51,8% dos cargos de chefia são ocupados por mulheres. Isso é um reflexo de nossas conquistas no mercado de trabalho e na sociedade como um todo”, afirmou a diretora de Atenção à Saúde da Fundação, Ilara Nóbrega.



Programação nas unidades e serviços

Na sede da PB Saúde, as colaboradoras foram surpreendidas com apresentação musical ao som de saxofone no início do dia. A comemoração continuou com o Chá da Tarde Entr'elas, proporcionando um momento de descontração que contou também com dinâmicas e uma palestra sobre empoderamento feminino.

Já no Hospital Metropolitano, durante o turno da manhã, as colaboradoras foram contempladas pela equipe de Fisioterapia da unidade com massagem, ginástica laboral e auriculoterapia. Ainda no início do dia, a unidade hospitalar presenteou as colaboradoras com rosas vermelhas e a segunda parte da programação seguiu com palestra sobre autoestima, coffee break e sorteio de brindes.

Para as colaboradoras do Hospital Edson Ramalho, o dia começou repleto de atividades como massagem, ventosaterapia e embelezamento (cabelo, maquiagem, sobrancelha, unhas e limpeza de pele). Ainda pela manhã, as equipes de Psicologia e Serviço Social visitaram as enfermarias ao som de música ao vivo com violão para homenagear as pacientes e acompanhantes e entregar rosas, o que emocionou muitas delas.

Em Patos, na hemodinâmica situada no Complexo Hospitalar Regional Deputado Janduhy Carneiro, a programação teve início com um ato ecumênico seguido de dinâmicas de grupo, palestra sobre o poder da imagem, coffee break, distribuição e sorteio de brindes. A programação para as colaboradoras da hemodinâmica de Campina Grande contou com chá da tarde, palestra com tema relacionado ao Dia da Mulher e sorteio de brindes.





Abril verde

Hospital Metropolitano promove Semana

Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho (SIPAT)

A SIPAT é uma semana de atividades diversificadas, voltadas aos colaboradores, que tem como principal objetivo promover a construção de uma cultura de segurança e qualidade de vida no trabalho. A programação do evento no Hospital Metropolitano teve início no dia 23 de abril e se estendeu até o dia 26 de abril e foi promovida pela Comissão Interna

de Prevenção de Acidentes e de Assédio (CIPA), em parceria com o Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT), a Fisioterapia, Farmácia, Psicologia e do Núcleo de Educação Permanente e Pesquisa (NEP).

No evento de abertura da SIPAT os colaboradores puderam participar de uma palestra sobre prevenção e

enfrentamento aos assédios e discriminação, ministrada pela juíza Silvana Carvalho, presidente da Comissão de Prevenção e Enfrentamento aos Assédios e Discriminação (COMPEAD) do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB). Em seu discurso, a magistrada reforçou a importância de todos os setores da sociedade estarem unidos na busca por um ambiente de trabalho saudável.



“Temos um misto de alegria e de tristeza quando tratamos desse tema. A alegria porque, finalmente, saiu do escuro a questão do assédio dentro do ambiente de trabalho, e tristeza por saber que, em meados de 2024, ainda temos que lidar com assuntos primitivos como esses. Hoje nós temos legislações próprias, e também, atos administrativos das próprias direções e instituições, que estão regulamentando a segurança psicológica dos trabalhadores dentro do âmbito do poder público e seus segmentos”, relatou Silvana Carvalho.



Em seu discurso, a juíza também esclareceu aos colaboradores como identificar casos de assédio sexual no ambiente de trabalho. “Esse assédio começa a existir quando a pessoa que é assediada diz não, eu não quero. Quando o assediado começa a dar o não, seja homem, mulher, transexual, ou qualquer tipo de orientação sexual que o indivíduo tiver, e existe a insistência posterior, aí sim e existe a insistência posterior, aí

sim nasce o assédio. Enquanto está sendo consensual não há problema”, explicou a magistrada.

Ainda durante o evento, a atual presidente da CIPA e coordenadora de Psicologia da unidade, Vaneide Delmiro, expressou sua alegria em ver muitos colaboradores presentes no início das atividades.

“Hoje é um dos meus dias mais felizes aqui no Metropolitano.

Nós preparamos essa programação com muito zelo, buscamos os nomes de referência e trouxemos um conteúdo que está ligado às nossas necessidades. Então, nessa SIPAT queremos estimular ainda mais uma cultura de segurança dentro do trabalho, e isso se faz coletivamente, no nosso dia a dia, por meio de atos seguros na realização do nosso fazer”, afirmou a gestora.

Para a surpresa de muitos colabo-



radores, no horário de almoço, a equipe organizadora preparou uma simulação realística surpresa no refeitório da instituição. Na simulação, a assistente administrativa Ellen Pereira simulou um engasgo e foi socorrida por Dioberto Sousa, vice-presidente da CIPA.

A simulação foi preparada para mostrar aos colaboradores a importância de saber realizar as manobras de desengasgo e convidá-los a participar do treinamento de desobstrução de vias aéreas por corpo estranho que está sendo realizado pelas tardes durante a SIPAT, de 12h às 13h. Ministrado pelo enfermeiro emergencista Walber Frazão, o treinamento teve como objetivo ensinar técnicas simples de desengasgo,

que são adotadas no mundo todo, para que pessoas de qualquer porte físico saibam como agir em situações de emergência.

“Quando o indivíduo está com uma obstrução completa nas vias aéreas em menos de 5 minutos já é notada uma baixa no oxigênio do cérebro ao ponto dele perder a consciência, podendo ter parada respiratória e, se não tiver atendimento rápido, pode chegar a ter uma parada cardíaca e vir a óbito. Então quem estiver mais próximo dessa pessoa fará a diferença na vida dela, não vai ser o SAMU, o Corpo de Bombeiros, ou uma equipe médica. É quem em primeiro lugar identifica a obstrução e inicia as manobras de desengasgo que poderá salvar essa vida”, pon-

tuou Walber.

A enfermeira da hemodinâmica, Ana Paula Jacinto de Lima, participou do treinamento e considerou o momento de suma importância para o público em geral. “É muito essencial que as pessoas saibam reagir a uma situação de urgência como essa, que tenham agilidade e técnica para salvar a vida de uma pessoa. Esse tipo de treinamento é importante, tanto para o colaboradores, quanto para o acompanhante e os próprios pacientes também, os primeiros socorros são cruciais para decidir entre a vida e a morte de uma pessoa”, disse Ana Paula.



Doação de sangue

Hospital Metropolitano repôs quase mil

doações de sangue ao Hemocentro em um mês

Se levarmos em consideração que um doador de sangue ajuda a salvar quatro vidas, o Hospital Metropolitano ajudou a salvar, apenas no mês de janeiro, quase 4 mil vidas quando repôs ao Hemocentro 998 bolsas de sangue. As doações conseguidas são fruto da campanha de conscientização realizada pela equipe de Serviço Social da unidade junto aos pacientes e acompanhantes, principalmente nos períodos festivos, em que naturalmente há uma queda no número de doações.

Como o Hospital Metropolitano é voltado para a realização de cirurgias, desde o momento da admissão do paciente na unidade, a equipe do Serviço Social conversa com o paciente e a família sobre a importância da doação de sangue. A coordenadora do Serviço Social, Carmen Meireles, explicou que, mesmo que a doação não seja obrigatória, de acordo com o protocolo de toda cirurgia, é necessário ter uma reserva de bolsas de sangue e a cirurgia pode não ser realizada caso não tenha estoque no Hemocentro.





“Fazemos esse trabalho cotidianamente e sabemos que quando chega o período de festa, como natal, ano novo e carnaval, geralmente, o estoque do hemocentro tem uma baixa. Então nós intensificamos o trabalho com as famílias, nas enfermarias, nas visitas beira-leito, por sabermos a importância da reposição dessas bolsas de sangue. Porque a doação não é obrigatória, mas é uma reflexão que fazemos, pois tanto ajuda o seu parente como ajuda outros pacientes que não conseguem doadores”, explicou Carmen.

Motivando a doação

Enquanto alguns pacientes têm dificuldade em conseguir doadores, outros conseguem muito além dos cinco doadores solicitados pelo hospital. É o caso do paciente Laécio dos Santos, de 47 anos, que já conseguiu 50 doadores e disse que a meta da família é atingir a marca de 100 doações. Ele, que já foi doador de sangue e precisou parar devido a uma comorbidade, sabe a importância da doação e aconselha a todas as pessoas que podem que sejam doadoras. “Quem puder doar, seja um doador. É um gesto tão pequeno, mas de um valor grandioso, pois salva muitas vidas”, afirmou Laécio.

Para onde vai o sangue doado?

A diretora-geral do Hemocentro da Paraíba, Shirlene Gadelha, parabenizou a ação promovida pelo Hospital Metropolitano e

ênfaticamente que “é muito importante essa conscientização para que possamos potencializar os estoques de sangue do hemocentro da Paraíba. Doar sangue é salvar vidas e esses hemocomponentes são usados para algumas cirurgias, alguns tratamentos de câncer, algumas complicações durante o parto, alguns acidentes, pacientes com doenças crônicas, anemia

ou distúrbios de coagulação, muitas vezes que dependem de transfusões diariamente. Então para que a gente possa manter esses estoques, é necessário que os hospitais nos ajudem fazendo, como o Hospital Metropolitano, que esse mês de janeiro fez uma reposição de mais de 50% do que foi solicitado ao Hemocentro”, enfatizou, Shirlene.



Ineditismo

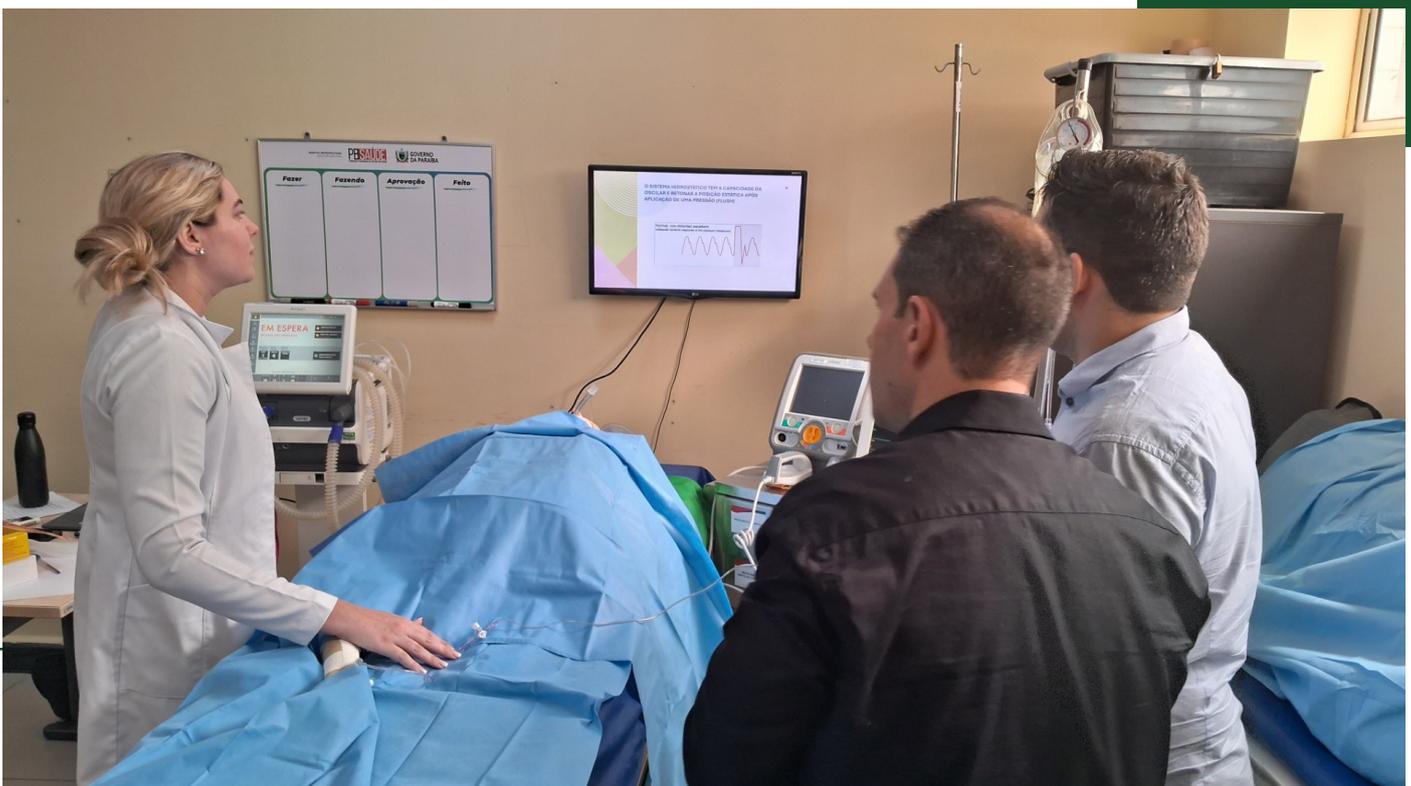
Hospital Metropolitano realiza primeira prova prática de Residência Médica em Terapia Intensiva da Paraíba

Em mais uma realização inédita, o Hospital Metropolitano foi palco da primeira prova prática dentro de um programa de Residência Médica em Terapia Intensiva na Paraíba. O médico intensivista é o profissional responsável por comandar a equipe multidisciplinar da UTI e também por cuidar de pacientes críticos, que possuem diagnósticos delicados e,

por isso, necessitam de cuidado intenso. A prova aconteceu em março deste ano, no Laboratório de Simulação Realística da unidade, e contou com a presença de quatro residentes que atuam na unidade hospitalar.

“Este é um fato histórico na Paraíba, pois é a primeira vez que uma prova prática de residência

de Terapia Intensiva acontece no estado. Nós, enquanto unidade hospitalar, oferecemos os subsídios físicos – a estrutura do laboratório e os manequins – e a logística para que a partir de agora os residentes que atuam em terapia intensiva possam realizar provas práticas em nossa unidade”, explicou Walber.





Os programas de residência médica são feitos pela Secretaria de Estado da Saúde por meio da Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB). No Hospital Metropolitano, existem residentes da área médica e da área multiprofissional. Na área médica, atuam residentes das áreas de cardiologia, neurologia e terapia intensiva, sendo que nesta última, existem atualmente seis residentes, sendo dois de cada turma.

Segundo o enfermeiro emergencista Walber Frazão, que coordena o Laboratório de Simulação Realística do Hospital Metropolitano, o objetivo da prova prática é proporcionar aos médicos residentes um melhor preparo, a partir de simulações de procedimentos de terapia intensiva com manequins, para atender pacientes reais com mais segurança e menos chances de cometer erros.

Os residentes das turmas R3 e R2, quatro no total, participaram da prova, que foi acompanhada por Walber Frazão e pelos preceptores das turmas. Foram aplicadas simulações de ressuscitação cardiopulmonar, inserção de cateter arterial periférico, monitorização invasiva, manejo da ventilação mecânica invasiva, e ultrassonografia *point-of-care* (à beira do leito).



Regionalizando a Educação

NEPS da PB Saúde percorreu 14 municípios levando aperfeiçoamento para mais de 500 profissionais

Em março deste ano, o Programa Coração Paraibano completou um ano de funcionamento, se destacando por salvar inúmeras vidas de paraibanos e paraibanas do Litoral ao Sertão. Para tornar essa realidade possível, o Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPS) vem realizando diversas capacitações, inclusive com a apresentação de novas práticas para os profissionais das áreas assistenciais, principalmente da área de medicina, enfermagem, técnica de enfermagem e fisioterapia. Só no ano passado, a equipe no NEPS percorreu 14 municípios, treinando mais de quinhentos profissionais.

De acordo com o diretor superintendente da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde - PB Saúde, Ari Reis, para que o Programa cumpra o seu objetivo que é salvar vidas, é preciso investir não só em equipamentos como tem feito o governador João Azevedo, mas

também no aperfeiçoamento dos profissionais, o que vem fazendo a PB Saúde.

Como funcionam as capacitações?

O instrutor e coordenador do laboratório de simulação realística da PB Saúde, o enfermeiro e professor Walber Frazão, explicou que a primeira fase dos treinamentos foi pautada na necessidade dos

profissionais da rede hospitalar, gerenciadas ou não pela PB Saúde, de realizar adequadamente o eletrocardiograma; reconhecer as principais arritmias graves que podem levar a morte; conhecer o protocolo de administração de medicações trombolíticas que podem de imediato salvar a vida de um paciente com um infarto, caso ele não consiga chegar a tempo a um serviço de hemodi-





nâmica, pois “não adianta ter a ambulância hemodinâmica e não ter os profissionais que tenham conhecimento do protocolo e de como realizar os procedimentos”.

Walber ressaltou que existe também uma grande preocupação com os pacientes que chegam a ter uma parada cardiorrespiratória durante o atendimento inicial, ou chegam a ter em parada cardiorrespiratória nas unidades de saúde esse serviço, necessitando muitas vezes do procedimento de reanimação, e desde 2020 alguns protocolos tiveram atualizações e por isso a importância de oferecer essas capacitações.

Atualizações

Entre os protocolos que tiveram atualizações estão: compressões torácicas contínuas sem via aérea avançada por no mínimo três profissionais, sendo dois profissionais na ventilação com bolsa válvula máscara e um profissional na compressão torácica; ventilação com bolsa válvula máscara com uso da técnica eminência tenar; uso de filtro HEPA, HMEF na ventilação não invasiva e invasiva na reanimação cardiopulmonar; cuidados pós parada cardiorrespiratória com a manutenção da temperatura corpórea e prevenção da hiperóxia; uso do ventilador mecânico não invasivo e o controle de pressão inspiratória positiva na reanimação neonatal como padrão ouro na sala de parto; entre outros.



Mais de mil profissionais

Núcleo de Educação Permanente promoveu

50 cursos no primeiro trimestre de 2024

A assistência prestada com base em uma formação de qualidade é uma ferramenta essencial para aumentar o conforto e a segurança do paciente, além de melhorar o prognóstico de doenças. De janeiro até março de 2024, foram promovidos 50 cursos de capacitação e qualificação para os colaboradores da sede e de seus serviços gerenciados. Neste período, foram registrados 1.066 participantes nos cursos ofertados por meio do Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPS) da PB SAÚDE.

De acordo com o coordenador do NEPS da Fundação, Yuri Martins, os cursos de capacitação/treinamento e formação/qualificação fornecem subsídios práticos e suporte teórico para que as equipes de saúde possam atuar de forma segura, resolutiva e humanizada. “A EPS compreende estratégias que envolvem a gestão, o processo de trabalho, a qualificação dos profissionais, as interações entre parceiros e a condução de pro-





gramas formativos, contribuindo para garantir, assim, a qualidade da assistência à saúde”, afirmou.

Já foram realizadas atividades em diversas áreas da saúde e administrativas, nos modos presencial, remoto ou in loco. Entre os cursos estão: Fluxo de Acidente de Trabalho; Atuação Fisioterapêutica Obstetrícia; Farmácia Clínica; Rotina no Pós Operatório de Cirurgia Cardíaca; Práticas Integrativas; Fluxo de Medicamentos Externos

e Conciliação Medicamentosa, Gestão da Emoção e Inteligência Emocional; entre outros.

Para a assistente administrativa Synara Sousa, que atua no Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, o aprendizado deve ser constante, principalmente nas situações em que é necessário executar atividades novas. “Trazendo para a minha realidade, as informações adquiridas no curso que eu participo atualmente, que

é o da nova Lei de Licitações, têm esclarecido muitas dúvidas em relação a pontos que envolvem algumas das minhas atividades diárias e isso facilita muito na prática. Pois é através desse conhecimento que eu consigo fazer o meu trabalho com mais segurança, e auxiliar a administração pública a minimizar possíveis prejuízos. Isso é imensurável”, declarou.





Laboratório de Simulação Realística

A Fundação disponibiliza o Laboratório de Simulação Realística do Hospital Metropolitano com a finalidade de treinar os profissionais para melhor eficiência no atendimento aos pacientes. O espaço dispõe de uma ampla sala com leitos, monitores, equipamentos e acessórios médicos e hospitalares, além de manequins responsivos para estudo das variadas técnicas e procedimentos de atendimento à saúde. O local é dedicado não apenas aos funcionários do hospital, mas a todos os colaboradores da PB Saúde, atuando com atividades de capacitação profissional para a melhor assistência aos pacientes.



Novo concurso

Assinatura de novo concurso da PB Saúde

é destaque em evento do Governo do Estado

Em 8 de abril deste ano, a autorização para a contratação da empresa organizadora do novo concurso da PB Saúde foi assinada pelo governador João Azevêdo. O momento foi destaque durante o evento de lançamento do Programa Paraíba Contra o Câncer, realizado no Teatro Paulo Pontes.

“Hoje é um dia de grande celebração para a saúde pública aqui na nossa Paraíba e para a nossa fundação também. Foi autorizado hoje, pelo governador João Azevedo, a contratação da nova empresa para o concurso de 2024 da PB Saúde. Isso significa que a fundação está crescendo com solidez e com ca-

pacidade técnica, trazendo novos profissionais que devem, a partir de agora, já se prepararem para a prova que vai ser feita ainda este ano”, afirmou o superintendente da PB Saúde, Ari Reis.

De acordo com o gestor, serão mais de 1.400 vagas para convocação imediata e mais de 2 mil



vagas para cadastro reserva para todos os programas e unidades que a PB Saúde ainda deve assumir nos próximos anos.

Em seu discurso no evento, o governador ressaltou as conquistas alcançadas pela Fundação. “A PB Saúde foi concebida para exercer uma atividade de gestão de hospitais públicos e vem exercendo com toda a qualidade. Qualquer unidade que a Fundação tem assumido, os resultados começam a aparecer, seja na capacidade de leitos ou na ampliação do parque tecnológico e mais serviços”, destacou.





Conquistas

Unidades e serviços gerenciados pela PB Saúde

conquistam habilitações, certificações e boas avaliações

Certificação CEBAS

A PB Saúde recebeu, em março de 2024, a concessão do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) por meio da publicação da portaria N° 1.544 da Secretaria de Atenção Especializada do Ministério da Saúde (SAES/MS). Essa certificação é um reconhecimento à PB Saúde, enquanto fundação pública, de sua relevância para o SUS e vai possibilitar que a instituição gere uma economia mensal inicial de mais de 4 milhões de reais aos cofres públicos.

“É uma grande vitória para a saúde da Paraíba”, afirmou o Diretor Superintendente da Fundação PB Saúde, Ari Reis. Agora a instituição é uma das nove Fundações Públicas do Brasil a ter esse reconhecimento do Ministério da Saúde pela eficiência e desenvoltura na prestação de serviços de saúde. O superintendente destacou ainda que a partir da nova certificação, a PB Saúde se torna menos onerosa aos cofres públicos e mais



vantajosa para a administração da gestão hospitalar.

“Isso representa uma economia inicial mensal de, aproximadamente, R\$ 4,5 milhões para os cofres públicos na administração hospitalar. Além disso, possibilita a concessão de imunidade tributária na aquisição de equipamentos importados como tomógrafos, ressonâncias, ultrassonografias e outros tantos equipamentos de assistência especializada que podem beneficiar a população. Essas conquistas mostram a consolidação de todas as propostas de governo do nosso governador, João Azevedo, que teve a ousadia de criar uma fundação pública de direito privado para administrar os nossos hospitais”, afirmou Ari Reis.

Para o secretário de Estado da Saúde, Jhony Bezerra, o CEBAS traz garantias para a PB Saúde e também a possibilidade de reverter o recurso que seria dedicado aos encargos na ampliação da assistência à população. “Terá um impacto muito positivo na ampliação de serviços da PB Saúde, na ampliação de serviços nesse processo de regionalização e da alta complexidade. Então, é um dia de muita alegria, um marco para a Saúde da Paraíba, um marco para a Fundação PB Saúde e daqui para frente teremos resultados extremamente positivos”, frisou o secretário de Estado da Saúde.

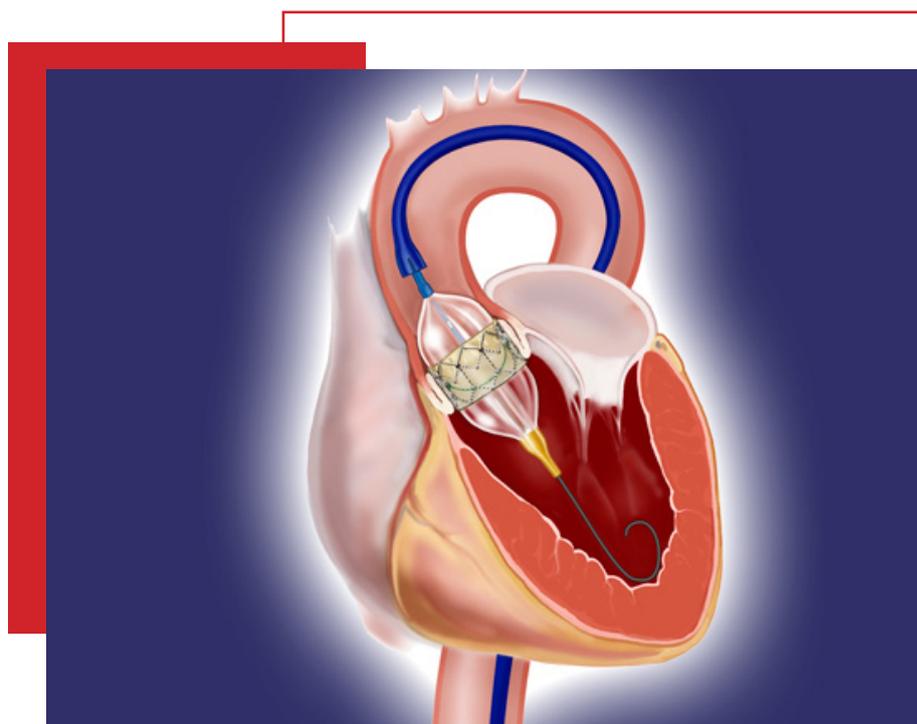
Hospital Metropolitano e a habilitação para realização de Implante Percutâneo de Válvula Aórtica (TAVI)

A decisão do Ministério da Saúde de incorporar aos procedimentos realizados no Hospital Metropolitano, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a realização do implante percutâneo de válvula aórtica (TAVI) foi destinada para tratamento de estenose aórtica grave, em pacientes com perfil de alto risco para cirurgia de troca de válvula aórtica convencional (peito aberto), com idade igual ou superior a 75 anos.

O Hospital Metropolitano foi o primeiro hospital público no Estado da Paraíba, a realizar esse tipo de cirurgia de alta complexidade e

alto custo, em maio de 2019, em um paciente de 83 anos. Outros dois TAVI foram realizados na unidade, em julho e setembro de 2023.

A gerente executiva das linhas de cuidados prioritárias da PB Saúde, Rafaela Marinho, pontuou que a conquista da habilitação foi possível pois a unidade é referência estadual na assistência de alta complexidade cardiovascular, com cirurgia cardiovascular e procedimentos em cardiologia intervencionista. “Apresentamos as produções do procedimento TAVI, aprovadas, realizadas em pacientes com idade igual ou superior a 75 anos, no período de 2020 a 2022, e tivemos o reconhecimento dessa produção pela Secretaria Estadual de Saúde (SES). Esse é mais um ganho para a saúde do povo paraibano, voltado principalmente para o público mais idoso”, afirmou.





Novos leitos no Metropolitano

A portaria assinada pela ministra da Saúde, Nísia Trindade, em março deste ano, concedeu a habilitação de 30 novos leitos de Unidade de Terapia Intensiva Coronariana (UCO) Tipo III para o Hospital Metropolitano. Com a habilitação fica estabelecido um recurso do Bloco de Manutenção das Ações e Serviços Públicos de Saúde - Grupo de Atenção Especializada, no valor anual de R\$ 7.884.880, a ser incorporado

ao Grupo de Atenção de Média e Alta Complexidade (MAC) do Estado da Paraíba.

Este recurso é destinado ao programa de trabalho do Hospital Metropolitano, com finalidade de custear quaisquer ações e serviços de média e alta complexidade para atenção à saúde da população, desde que garantida a manutenção da unidade. O Fundo Nacional de Saúde vai adotar as medidas necessárias para a transferência, regular e automática, do valor ao Fundo Estadual de Saúde da Paraíba, em parcelas mensais.

Hospital Edson Ramalho é bem avaliado pela Anvisa sobre Práticas de Segurança do Paciente em UTI

O HSGER atingiu índice de alta conformidade com os indicadores da Avaliação Nacional pelas Práticas de Segurança do Paciente em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). É o que atesta o relatório divulgado na última sexta-feira (05) pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que





apresentou a versão VIII do documento, referente ao ano de 2023.

De acordo com a Anvisa, a Avaliação Nacional das Práticas de Segurança do Paciente em hospitais com UTI é realizada anualmente, sob coordenação do órgão e dos Núcleos de Segurança do Paciente das Vigilâncias Sanitárias (NSP VISA) e coordenações estaduais de controle de infecção. Os indicadores previstos na Avaliação atendem aos regulamentos da Anvisa,

a exemplo da RDC nº 36/20131, e documentos técnicos publicados pela Agência, como o Plano Integrado para a Gestão Sanitária da Segurança do Paciente - 2021-2025.

O diretor hospitalar do HSGER, Cícero Ludgero, disse que recebe com muita alegria o resultado da avaliação da Autoridade Sanitária e destaca que o objetivo é manter os serviços da unidade sempre em alto nível.

“É com muito orgulho que recebemos esse relatório de avaliação da Anvisa. O trabalho da direção e de todos os colaboradores do Edson Ramalho tem sido muito empenhado para que o hospital esteja sempre em conformidade com as melhores práticas de gestão, sobretudo nos serviços assistenciais. E a partir de agora a responsabilidade aumenta, pois o foco é manter o padrão de excelência das unidades administradas pela PB Saúde”,



Celebrações

Hospital Metropolitano, UTI cardiológica e enfermaria da

Hemodinâmica de Patos celebram um novo ano de funcionamento

Hospital Metropolitano celebra 6 anos de funcionamento como principal realizador de transplantes de coração da Paraíba

O Hospital Metropolitano completou 6 anos de atividades no atendimento das doenças cardíacas e neurológicas de toda população paraibana, em abril de 2024. Unidade inaugurada na perspectiva de sanar um vazio assistencial nas linhas de cuidado de cardiologia e neurologia, agora com 6 anos de funcionamento, o Metropolitano se destaca na realização de procedimentos de altíssima complexidade como transplantes cardíacos.

“Eu só tenho a agradecer a todos que me ajudaram desde o começo, principalmente a família deste doador, para a qual eu desejo todas as bênçãos do mundo”, afirmou o paciente transplantado Suelio Silva de Melo, de 57 anos, na noite



do dia 17 de abril, minutos antes de entrar no bloco cirúrgico do Metropolitano para ser submetido ao transplante cardíaco.

Desde a inauguração, já foram realizadas mais de 8 mil cirurgias, incluindo 3.088 cirurgias cardíacas em adultos e 677 cirurgias cardíacas em crianças. Habilitado para a realização de transplante cardíaco desde junho de 2020, 7 paraibanos já tiveram suas vidas transformadas com a realização do procedimento no Hospital Metropolitano.

UTI cardiológica e enfermaria da Hemodinâmica de Patos completam 1 ano de funcionamento

A hemodinâmica de Patos, gerenciada pela PB Saúde e localizada no Complexo Hospitalar Regional Deputado Janduhy Carneiro, do Governo do Estado, comemorou um ano da inauguração dos setores de enfermaria e unidade de terapia intensiva (UTI) cardiológica em 26 de março deste ano. Neste período, foram realizadas 1,1 mil admissões na UTI e 1,4 mil nas enfermarias. O serviço realizou um evento para os colaboradores para comemorar a data e os resultados alcançados.

Para a coordenadora de Práticas Assistenciais, Kamila Leite, os números mostram a capacidade da equipe assistencial no aten-

dimento aos pacientes. “São números que mostram que fazemos muitos giros de leitos. Estamos todos felizes com esses resultados que são, além de números, vidas que passaram e foram salvas pela agilidade e eficiência das equipes multiprofissionais e administrativa. Que venham mais anos e que possamos fazer ainda mais a diferença na vida de cada paciente”, comemorou.

Quando a Hemodinâmica de Patos foi inaugurada, em dezembro de 2022, contava com uma estrutura menor, contendo uma sala de procedimento e duas salas de unidade de recuperação anestésica (URPA), realizando apenas procedimentos eletivos e funcionando de segunda a sexta-feira. Atualmente, conta com seis leitos de UTI cardiológica e 10 de enfermaria, com funcionamento 24 horas.





Dia D+ Saúde

Colaboradores da PB Saúde promovem ações sociais e conseguem doações para Vila Vicentina e Penitenciária

O lar de idosos Vila Vicentina, localizado no bairro da Torre, em João Pessoa, foi tomado pelo sentimento de gratidão e alegria graças a uma ação social e voluntária promovida pela união de dezenas de colaboradores da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde), o primeiro Dia D+ Saúde.

Engajados pelo sentimento de ajudar o próximo, os colaboradores da instituição também conseguiram doações para aquisição de um consultório odontológico para a Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa.

Na Vila Vicentina, o Dia D+ Saúde

envolveu a oferta de atendimento médico em diversas especialidades, além de doações de alimentos, fraldas geriátricas e produtos de higiene pessoal. Os idosos da instituição de longa permanência tiveram acesso a consultas de geriatria, neurologia, oftalmologia, cardiologia, radiologia, comissão



de pele e clínica médica, além de atendimentos de odontologia, fisioterapia e enfermagem. A ação também contou com momentos de atividades físicas e música ao vivo, o que animou muito os internados na instituição.

Da ideia à ação

“Iniciamos a ação, disponibilizando uma caixa na sede da PB Saúde para recolher doações e, à medida que aumentavam as doações, crescia nossa vontade de doar mais, e nos perguntamos: por que não doar o nosso tempo? Então, conseguimos um bom número de





voluntários que promoveram essa ação maravilhosa, trazendo assistência em saúde para os residentes e profissionais do lar. Inclusive, estamos com mais adesão de voluntários para as próximas ações. Sem dúvidas fazer o bem é contagiante”, afirmou a idealizadora da ação e chefe de Gabinete da PB Saúde, Heliane Medeiros.

Mais Doações

Já o consultório odontológico adquirido por meio de doações para a Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, foi essencial para proporcionar melhorias nos cuidados com a saúde bucal,





bem como, no conforto das reeducandas da instituição.

A diretora da Penitenciária de Reeducação Feminina, Cynthia Almeida, destacou a importância da doação para a dignidade das privadas de liberdade. “Nós agradecemos em nome de todas as internas, que serão contempladas com o serviço desse gabinete odontológico, lembrando que as mulheres que aqui estão, cumprem pena restritiva de liberdade e não de dignidade. Nesse sentido, a Fundação PB Saúde vem nos auxiliar a garantir direitos a essas mulheres”, ressaltou.

Durante a entrega do equipamento, a analista de Rede, Sistemas e Software da PB Saúde Anabelly Lopes, explicou que a doação vai proporcionar um número maior de atendimentos para as reeducandas, e em mais especialidades. “Estamos em mais uma ação de cunho social da Fundação para doar esse consultório e sentimos

uma grande alegria em poder ajudar as reeducandas, proporcionando a elas a oportunidade de cuidar de forma adequada da saúde bucal, que é necessário para todo ser humano”, afirmou.

Após a entrega do consultório odontológico, a equipe da PB saúde foi guiada pela diretora da

Penitenciária a uma visita ao Castelo de Bonecas, projeto consolidado na reinserção das reeducandas à sociedade paraibana. O projeto consiste na confecção de bonecas de pano e, por meio dele, as reeducandas encontram qualificação, remuneração e remição da pena, entre outros benefícios.





Entrevista

Uma realidade no SUS Paraibano: limitações da qualidade de vida e doenças associadas à obesidade motivam busca por cirurgia

O Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER) integra um seleto grupo de instituições públicas que realizam cirurgia bariátrica e metabólica pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Na unidade hospitalar, os procedimentos são realizados por meio do programa Opera Paraíba, desde novembro de 2023, tendo beneficiado 27 pessoas em seis meses. No HSGER, a cirurgia é realizada mediante um processo de avaliação multiprofissional, que inclui cirurgião bariátrico, endocrinologista, nutricionista, psicólogo, enfermeiro, fisioterapeuta, fonoaudiólogo e odontólogo.

O jornalista Thadeu Rodrigues conversou com **Daniel Hortiz**, um dos médicos que realizam o procedimento. Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ele concluiu residência em Cirurgia Geral e em Cirurgia do Aparelho Digestivo no Instituto de Assistência Médica do Servidor do Estado



de São Paulo. O médico é membro-titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica, e membro-titular do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva. Atualmente, é presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva do Capítulo Paraíba e preceptor no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW).

Qual o principal desejo dos pacientes com a cirurgia bariátrica?

Há vários perfis de pacientes. Há os que sofrem com obesidade há muitos anos e com várias doenças associadas a essa patologia, como diabetes, pressão alta, colesterol elevado e câncer, e que já tratam essas doenças com vários medicamentos. É aquele paciente que busca melhoria da sua saúde. Tem outro perfil, que é de pacientes com obesidade, mais jovens, e que ainda não chegaram ao estágio de muitas doenças graves associadas. Eles percebem muito mais uma limitação, não na saúde em si, mas na qualidade de vida. O paciente não consegue mais fazer atividades regulares, coisas simples do dia a dia. Por exemplo: se tem filho pequeno, não consegue brincar com ele, porque não consegue se abaixar, nem correr. Também não consegue calçar um sapato sozinho, cruzar uma perna ou tomar um banho adequado. Então, essas limitações da qualidade de vida é o que faz ele buscar o atendimento.





Em quais situações há indicação para realização da cirurgia?

Conforme a orientação da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica, e do Conselho Federal da Medicina, há indicação para pacientes com índice de massa corporal (IMC) acima de 35, isto é, pacientes com obesidade de grau dois. Neste caso, eles precisam ter alguma doença associada à obesidade, alguma comorbidade, e já ter tido uma tentativa de tratamento por pelo menos dois anos. Também há indicação aos pacientes que têm obesidade de grau três, ou seja, têm IMC acima de 40, independente de comorbidades.

O que o paciente precisa fazer antes da cirurgia?

Além das consultas multiprofissionais e da realização de exames, é necessário que o paciente perca uma média de 10% do seu peso. Isto é fundamental para que a cirurgia seja mais segura, porque o paciente com obesidade geralmente tem muita gordura visceral, que é aquela gordura que fica dentro do abdômen e que atrapalha a cirurgia. Outro problema é o acúmulo de gordura no fígado. Então, quando a gente consegue fazer com que o paciente perca peso antes da cirurgia, o procedimento é mais rápido, e ele vai ter uma recuperação melhor, o que está

comprovado por vários estudos científicos. A partir desta perda de peso, percebemos se o paciente está aderindo a todo o tratamento, porque se no pré-operatório ele não consegue nem chegar perto da meta, isto significa que ele tem dificuldade de seguir uma dieta adequada, uma mudança de estilo de vida e, provavelmente, isso também serve como parâmetro para saber se o resultado do pós-operatório vai ser adequado.

Quais são os benefícios da cirurgia?

Além da perda de peso, há uma modificação no metabolismo do paciente, por isso o nome do procedimento é cirurgia bariátrica e





metabólica. É possível controlar a síndrome metabólica, um conjunto de doenças que geralmente estão associadas, que são diabetes, pressão alta, colesterol elevado, gordura abdominal e visceral, e gordura no fígado. Através dessa síndrome, o paciente pode desenvolver infarto, AVC e câncer, que são as três principais causas de mortes no mundo. Então, quando a gente faz a cirurgia, melhoramos o metabolismo do paciente. Estima-se uma perda de 30% a 40% do peso inicial do paciente e, com isso, há melhora na qualidade de vida, na disposição, no bem-estar e no controle das doenças associadas. Cerca de 70% dos pacientes que são hipertensos, ficam em remissão da doença, ou seja, a hipertensão é controlada, às vezes

até sem medicamentos. Também em torno de 70% dos pacientes que são diabéticos conseguem ter um bom controle da glicemia sem mais medicações, sem uso de insulina e de comprimidos. Da mesma forma, ocorre com as outras doenças, e o paciente ganha em média 10 anos a mais na expectativa de vida. Após a cirurgia, devido ao controle das doenças, há redução do risco de vários tipos de câncer, pelo menos 12 tipos associados à obesidade, como câncer de mama, de ovário, de próstata, de cólon e de intestino grosso.

A partir de quando o paciente já consegue sentir essas melhorias na saúde?

Geralmente, a partir da primeira semana de cirurgia, o paciente já

consegue perceber uma melhora no índice de controle da sua pressão arterial e da sua glicemia. Essa melhora é bem significativa e bem rápida. A partir da primeira semana, ele já começa a fazer uma dieta controlada, evitando sal, açúcar e gordura. Isso, aliado ao efeito metabólico dos hormônios que são alterados depois que a gente opera, já são suficientes para controlar bastante essas duas doenças, principalmente. A perda de peso em si não é instantânea. A cirurgia é diferente de uma cirurgia plástica, como lipoaspiração. A cirurgia bariátrica é uma modificação que a gente faz no trato digestivo, e o paciente vai perder peso ao longo do tempo. Normalmente, nos primeiros 30 dias de cirurgia, há uma perda média de 10% do peso.



pequeno e ele muda a forma como se alimenta, comendo alimentos que são mais fáceis de digerir, que passam do estômago para o intestino com mais facilidade. Assim, ele acaba se adaptando a isso e muda a forma como se alimenta, optando por alimentação mais pastosa e mais líquida. Um dos vilões do ganho de peso no pós-operatório é o álcool, uma vez que a bebida alcoólica é muito calórica e de fácil ingestão. Quando alguém passa por cirurgia bariátrica, a absorção de líquidos acaba sendo mais rápida. Com isso, o paciente que ingere álcool fica embriagado mais rápido, e com menos quantidades ingeridas.

Ao longo dos três primeiros meses, o paciente perde mais 10% e vai perdendo o restante aos poucos. Ao longo de um ano, um ano e meio, o paciente vai atingir o peso mínimo após a cirurgia, que é de uma perda de 30% a 40% do peso inicial.

Por que ocorre a perda de peso no pós-cirúrgico?

Devido à menor ingestão de calorias e à mudança no perfil metabólico, o metabolismo se acelera, e o paciente gasta mais energia, mesmo estando em repouso. Mas a perda de peso neste período acontece principalmente por toda a mudança de estilo de vida que o paciente faz após a cirurgia. Por isso é importante lembrar que a cirurgia não é um ato isolado, tem

que fazer parte de um contexto de mudança do estilo de vida, com dieta e prática de atividade física. Com a falha de um desses itens, pode haver um resultado insatisfatório, com ganho de peso.

Quais os riscos de o paciente voltar ao estado de obesidade em alguns anos?

Em torno de 20% dos pacientes que se operam podem ter um ganho de peso considerável. É normal que o paciente ganhe até 20% do peso perdido. Geralmente ele ganha 10%. O motivo não é a dilatação do estômago, que não tem tanta elasticidade quanto se imagina, nem é problema com a realização do procedimento. O que acontece é que o paciente se acostuma a ter um estômago

Como é a realização do procedimento cirúrgico no HSGER?

A cirurgia é feita por videolaparoscopia. Ao invés de um corte grande do método tradicional, a gente faz furinhos por onde passa uma câmera e operamos utilizando pinças de 5 milímetros de diâmetro. Desta forma, proporcionamos uma recuperação melhor. Utilizamos duas técnicas. Uma delas é a chamada bypass gástrico, na qual dividimos o estômago em duas partes e fazemos um desvio intestinal. O estômago vai ficar com uma parte grande por onde a comida não passa mais e uma parte pequena por onde a comida vai entrar, a qual vai ser conectada diretamente ao intestino delgado. Essa comida entra e é como se ela

pegasse um atalho e pulasse mais ou menos metade do intestino delgado. Portanto, parte do que o paciente comeu não vai ser absorvido completamente. A outra técnica é a chamada gastrectomia vertical ou sleeve. A gente diminui o tamanho do estômago em torno de 80%, então o paciente fica com o estômago remanescente de mais ou menos 150 ml. Com as modificações hormonais após a cirurgia, o paciente tem uma saciedade mais precoce e mais controle sobre a fome. Quando a gente tira parte do estômago, não há como reverter.

Como é feita a escolha pelo método cirúrgico?

A escolha é individual e a gente leva em conta vários fatores, como o perfil de alimentação do paciente, o quanto de peso ele precisa perder e quais doenças ele têm. Verificamos se ele tem refluxo, diabetes ou pressão alta, ou a síndrome metabólica instalada. O método bypass, por exemplo, é indicado mais para um perfil de paciente que já tem a síndrome metabólica instalada e precisa perder mais peso, para casos mais graves. O sleeve já é uma técnica indicada para quem não tem

refluxo, com diabetes inicial ou não tem diabetes, e sem necessidade de muita perda de peso.

O acesso à cirurgia bariátrica, no SUS, dentro do programa Opera Paraíba, é feito por meio do sistema de regulação. O paciente com indicação cirúrgica deve ser encaminhado pela unidade básica de saúde de seu município. Se o encaminhamento for para o HSGER, ele será atendido pela equipe multiprofissional e realizará os exames necessários à execução do procedimento cirúrgico.





Cirurgia transforma vidas de pacientes

“A cirurgia bariátrica mudou a minha vida. Eu não tinha disposição para fazer as atividades do dia a dia. Com diabetes e hipertensão, tinha que tomar vários medicamentos para reduzir as taxas, mas a todo momento eu achava que iria morrer. Até que procurei ajuda e fui encaminhada para realizar o processo de cirurgia bariátrica. Perdi 34 quilos em cinco meses, faço atividade física e estou mais feliz”, afirmou a dona de casa Ana Carolina dos Santos, de 29 anos. Residente na cidade do Conde, ela foi atendida pelo Hospital do Servidor General Edson Ramalho.

Casada e com três filhos, a dona de casa perdeu sua mãe muito cedo para problemas decorrentes da obesidade. “Eu já fiz várias dietas, mas a luta contra a balança piorou quando minha mãe faleceu. Ela tinha apenas 36 anos e eu, 16. A partir daí, eu engordei mais, fiquei mais ansiosa e sempre pensava que iria morrer. A obesidade trouxe muitas coisas ruins para mim. No ano passado, o médico passou cinco remédios para controlar minha pressão arterial. Foi aí que decidi mudar”, contou Ana Carolina.



“Eu já fiz várias dietas, mas a luta contra a balança piorou quando minha mãe faleceu. Ela tinha apenas 36 anos e eu, 16. A partir daí, eu engordei mais, fiquei mais ansiosa e sempre pensava que iria morrer. A obesidade trouxe muitas coisas ruins para mim.

Ela já não conseguia realizar as tarefas domésticas, brincar com seus filhos, subir uma ladeira ou simplesmente dobrar a perna sem se cansar. O sono também era prejudicado, porque ela acordava com falta de ar. Outro problema que a afetava era o quadro depressivo. Por já ter sofrido bullying na escola, Ana Carolina sempre foi retraída e não gostava muito de sair.

Mas a mudança na vida dela ocorreu no âmbito exterior e interior. “Fisicamente, estou mais ativa. Saí do sedentarismo. Com um mês de operada, entrei na academia. Faço muitas atividades físicas e levo meu filho junto comigo. Passei do mane-

quim 52 para o 40 e acho que vai diminuir mais, por isso que ainda não comprei roupas novas. Estou ajustando as que tenho. Já na parte interior, estou mais feliz e confiante”, comentou.

Para Ana Carolina, o acompanhamento dos profissionais do Edson Ramalho foi a melhor coisa que lhe aconteceu. “Esta é a terceira vez que sou acolhida aqui. Nas duas primeiras, foi no parto da minha filha mais velha e no do meio. **Com a bariátrica, pela terceira vez, o Edson me deu vida. Todos os profissionais torceram por mim e me deram força para eu não desistir**”, disse emocionada.

“Perdi 34 quilos em cinco meses, faço atividade física e estou mais feliz”,

ANTES



DEPOIS





Enfermagem? PRESENTE!

Vida e trabalho: Profissionais destacam desafios,

celebram conquistas e buscam avanços para a categoria

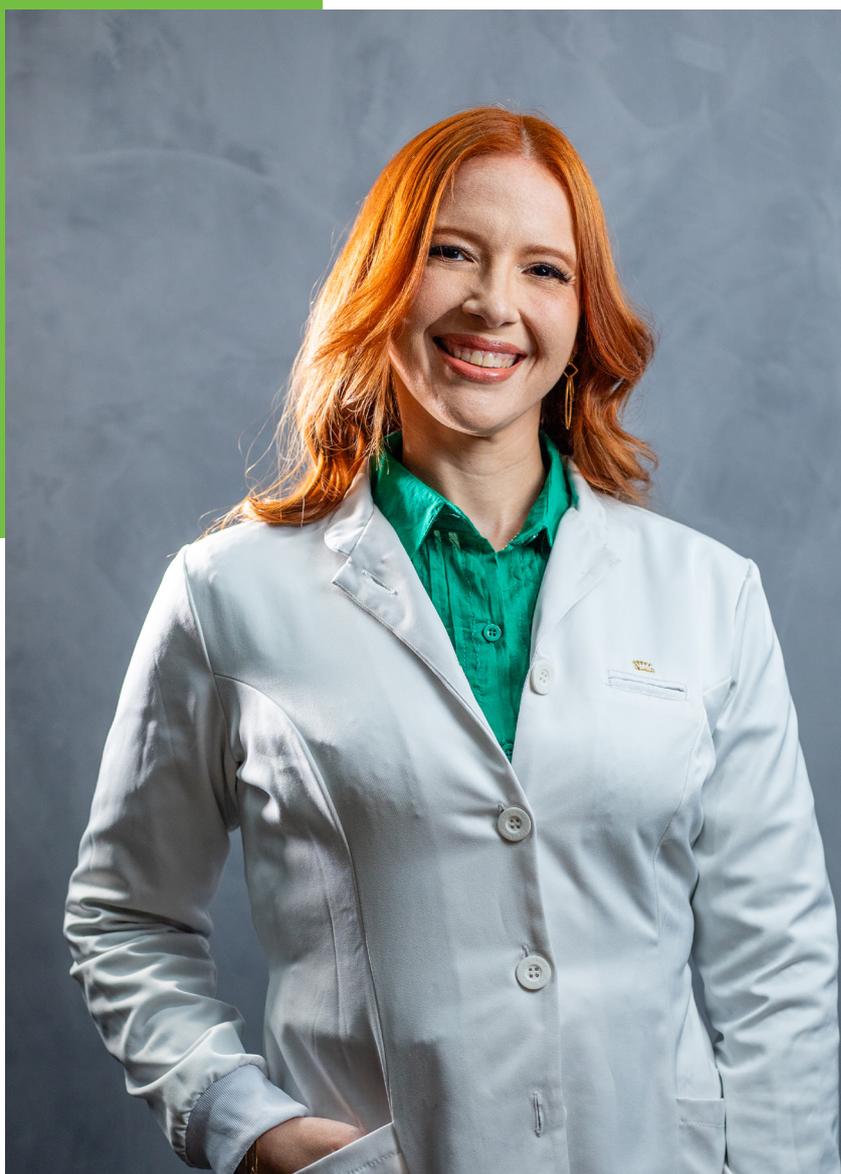
Enfermagem na assistência? PRESENTE!

Marília Lima

Todos os dias a enfermeira Marília Lima acorda bem cedo e sai de casa, deixando seu maior tesouro – a família – para cumprir sua missão diária no Hospital do Servidor General Edson Ramalho (HSGER), em João Pessoa, levando doses de amor e cuidado aos pacientes da unidade. Para ela, a dedicação é fundamental no exercício de seu trabalho.

“Só trabalha na enfermagem quem realmente é escolhido pela profissão, porque nós conseguimos abrir mão de parte de nossa vida pela vida do próximo. A partir do momento em que nós cruzamos a porta de um hospital, guardamos nossa vida particular numa caixinha e vivemos integralmente a vida daquele lugar”, comentou a enfermeira.

Atualmente, Marília ocupa a fun-





ção de coordenadora da Agência Transfusional do HSGER, agregando a experiência de gestão em sua caminhada profissional, além da vivência assistencial. O setor em que ela trabalha é responsável por armazenar hemocomponentes, realizar exames imunohematológicos, pré-transfusionais, dispensar e transportar de forma segura os produtos sanguíneos para as transfusões nos mais diversos setores do hospital, como UTI, enfermarias e maternidade.

“Hoje o meu dia a dia no hospital é sempre buscar inovações, avanços, uma forma de planejamento futuro para o setor atender uma demanda

em crescimento, porque a partir do momento em que aumenta o número de cirurgias, eu tenho que organizar a agência transfusional para dar suporte a esse aumento de cirurgias e para o aumento no atendimento em geral”, disse a enfermeira, explicando alguns de seus desafios diários para melhorar cada vez mais os cuidados oferecidos aos pacientes.

Cuidar das pessoas é um desejo que Marília tem desde criança, mesmo quando ainda não sabia exatamente que profissão gostaria de seguir. Não é por acaso que ela define a sua profissão como “amor e cuidado”. “Eu ainda não sabia

muito bem decifrar o que eu queria na área de saúde, até que eu acompanhei o parto de uma pessoa da minha família. Quando eu entrei no bloco cirúrgico, me apaixonei realmente pela enfermagem. Foi um ponto decisivo onde eu pensei: meu lugar é na saúde. Então eu escolhi a enfermagem, que é onde eu podia estar mais próximo ao cuidado”, lembrou.

A caminhada profissional dos enfermeiros é repleta de desafios que se transformam em conquistas. Em 11 anos de atuação como enfermeira, Marília Lima tem um histórico que exigiu a superação de obstáculos em vários momen-



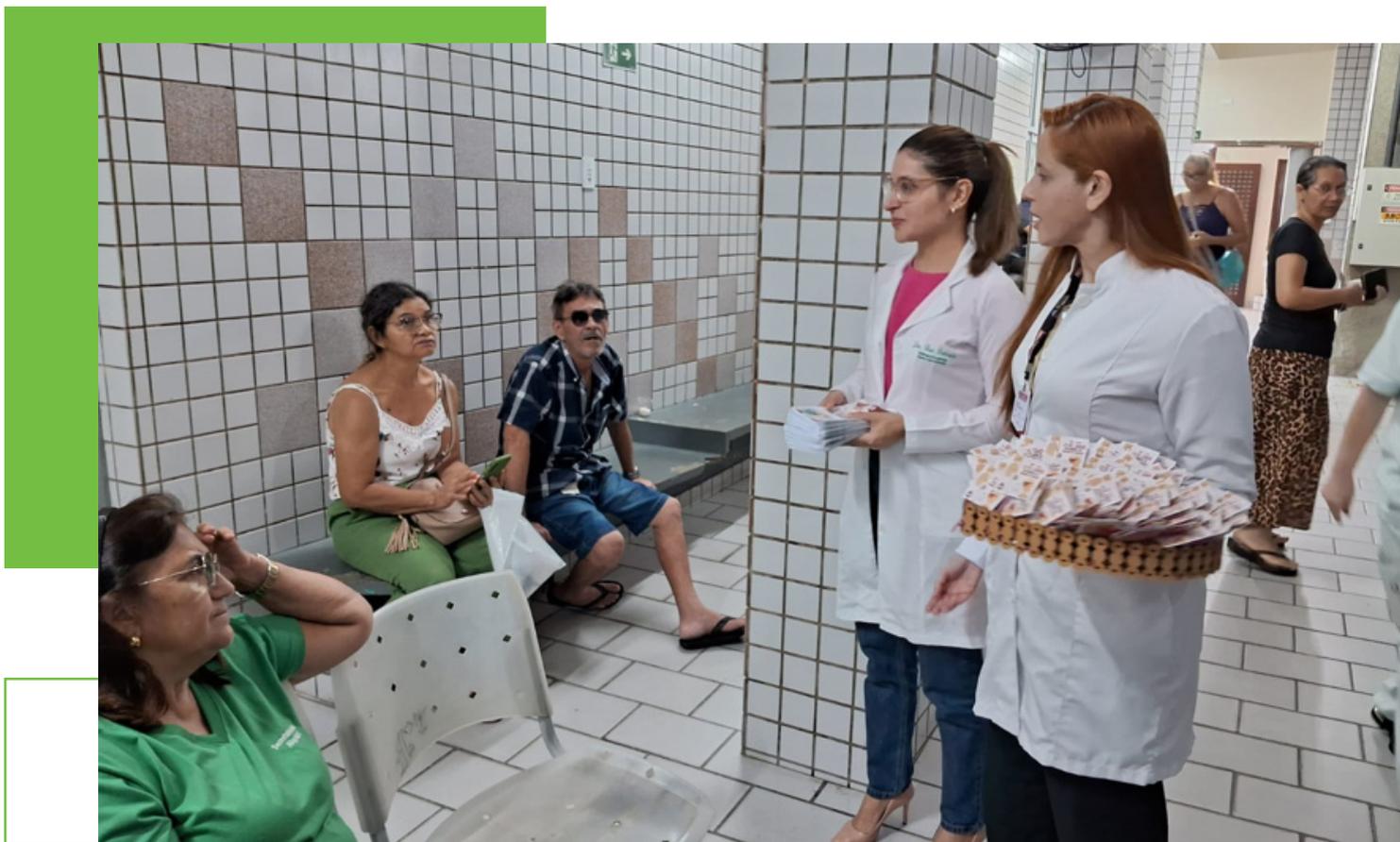
tos. “Já de início, eu entrei num cargo de gestão para gerenciar a enfermagem num hospital do interior do estado. Lá, eu me deparei com um cenário bem complicado para trabalhar, como desabastecimento e outros problemas, e isso me ensinou muito nessa área de gestão, de querer dar o melhor para os pacientes. Além disso, eu era muito jovem quando cheguei, a maioria da minha equipe era mais velha do que eu e tive que aprender a gerenciar essa parte também”, contou.

Ainda nos primeiros passos de sua carreira, Marília se viu diante de um grande desafio e um terreno desconhecido em sua vivência na enfermagem: a área de saúde

mental e reabilitação de álcool e drogas com crianças e adolescentes. As palavras acolhimento e humanização começaram a ganhar um sentido mais real para a jovem enfermeira.

“Foi um dos meus primeiros empregos e me desafiou muito, me fez trabalhar a quebra de preconceitos e como lidar com um adolescente ou uma criança que nunca foi amada, não teve um lar estruturado. A gente poderia trazer uma nova perspectiva de vida para eles naquele período, então a gente tentava ao máximo transmitir essa sensação de segurança que eles não tinham”, recordou.

O ano era 2021. Abraços e contato pessoal deveriam ser evitados. O mundo vivia a pandemia da Covid-19 e a regra a ser seguida era manter o distanciamento social para conter a disseminação do coronavírus. A missão da enfermeira Marília era, mais uma vez, cuidar. Ao mesmo tempo, se proteger era mais do que necessário. A máscara N95 acompanhava Marília do início ao fim de seus plantões, pois qualquer descuido poderia ser fatal. “Quando estava de plantão, eu dormia de máscara com medo de pegar Covid e passar para minhas filhas” suspirou, ao recordar aqueles dias que pareciam intermináveis.





“Até hoje eu não tive um diagnóstico, porém tudo naquela época poderia ser Covid. Então, quando tive sintomas da doença, eu fui para o hospital porque não queria colocar meus familiares em risco e fiquei em isolamento. Estava sozinha num quarto de enfermagem e, pra mim, foi um momento terrível”, lembrou.

A sensação era de solidão. Com suspeita de Covid-19, Marília não podia receber visitas de seus familiares. Dessa vez, era ela que necessitava de cuidados e acolhimento. “Passei a dar mais valor ao atendimento com humanização, pensando em quantos pacientes,

assim como eu, estavam passando por isso. As palavras e os gestos de conforto dos profissionais de saúde foram muito importantes naquele momento. Eu sempre procurei trabalhar de forma humanizada, mas naquela situação percebi o quanto é importante a humanização dentro dos hospitais”, declarou.

Atuando numa maternidade, também da rede estadual, que se tornou unidade de referência para o atendimento de Covid-19, nos ouvidos de Marília ecoava o choro de bebês que estavam vindo ao mundo, seguido do pranto de um pai de família que perdeu sua

esposa para o vírus. “**Eu vi bebês nascendo e logo ficando órfãos, paciente chegando e logo sendo entubado. Parece que foi um filme, que não aconteceu**”, lamentou.

Havia um conflito interno no coração de Marília, que desejava estar com os familiares, mas entendia a necessidade de cumprir sua missão no enfrentamento à Covid-19. “Foi um momento muito complicado porque eu sentia muito ter de ficar distante da minha família, ao mesmo tempo que eu queria estar trabalhando e salvando vidas”, disse.

É perceptível em Marília Lima o orgulho que sente por ser enfermeira. Ela demonstra o carinho pela enfermagem através de sua postura, de suas palavras e até na forma de falar sobre seu trabalho. Casada e mãe de duas meninas, de 8 e 6 anos de idade, ela busca, a todo momento, equilibrar a rotina profissional com a convivência familiar, aproveitando os momentos ao lado de seu marido e suas filhas. “Eu tento participar ao máximo da vida delas e, quando não posso estar com elas, tento mostrar a importância do meu trabalho, explicando que o ser humano tem que ser útil ao mundo de alguma forma”, contou.

Para Marília, a carga horária ainda é um dos grandes problemas enfrentados pela enfermagem, e ela gostaria de mudar isso. Além de poder compartilhar mais momentos com os familiares, os enfermei-



ros poderiam dedicar mais tempo para qualificação. “Por mais que a enfermagem tente se aperfeiçoar, é muito difícil, porque com a carga horária muito extensa, o pouco tempo que nos resta, nós queremos ficar, pelo menos um pouco, com a nossa família. Então, reduzir a carga horária, aumentar o piso em todas as instituições e investir nos profissionais, seria uma boa perspectiva. Inclusive, a PB Saúde já está indo nesse caminho. Porque quanto mais aperfeiçoado está o profissional, melhor será o retorno para os pacientes e para a instituição”, afirmou.

Se a redução da carga horária ainda é um desejo, o piso salarial da categoria já é uma realidade, desde fevereiro de 2023, para os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem que atuam na Fundação PB Saúde. Motivo de comemoração para aqueles que já contam com o pagamento todos os meses. “Fiquei muito feliz! Esse piso salarial veio para ajudar a gente. Quem tem uma vida estável, pode abrir mão de uma escala e viver alguns momentos a mais com a família. Apesar de alguns profissionais da enfermagem de outras instituições ainda estarem lutando pelo pagamento, essa conquista foi um avanço muito grande”, ressaltou Marília Lima.

Marília segue sua caminhada diária com o sentimento de esperança

a cada início de expediente, e sente o privilégio de levar alívio nos momentos de dor de outras pessoas, revelando que, para o seu coração de enfermeira, a recompensa

não está apenas nos provimentos financeiros, mas sim na satisfação de colaborar com a recuperação dos pacientes e contemplar em cada um deles a gratidão.

“Nós, mães, somos espelho para nossos filhos e eu tento passar meus valores para que elas se tornem boas pessoas, que trilhem seus caminhos, sendo mulheres fortes e independentes, assim como minha mãe é exemplo pra mim. O amor que ela tem pelo trabalho e profissão dela, ela transferiu pra mim e é isso que eu quero transmitir para minhas filhas”, disse.



Enfermagem na alta complexidade? PRESENTE!

Patrícia Alves

Capote, luvas, máscara, touca. Antes de entrar na sala de procedimentos para auxiliar o médico, Patrícia segue um ritual quase sagrado no início de seus plantões: a paramentação. Cada movimento é executado com calma e precisão, refletindo a dedicação e o respeito que tem por seu ofício. Enquanto se paramenta, cada detalhe é um lembrete do compromisso que assumiu ao escolher a enfermagem que, para ela, é mais que uma profissão. É sua vocação, sua missão de vida.

A responsabilidade do dia a dia no serviço de Hemodinâmica do Complexo Hospitalar Regional Deputado Janduhy Carneiro, em Patos, desperta em Patrícia Alves, técnica em enfermagem, o sentimento de gratidão em poder ajudar outras pessoas. **“Acompanhar a recuperação de um paciente é algo que me alegra. Saber que, de alguma forma, o meu trabalho contribuiu para essa melhora na saúde dele, me deixa ainda mais feliz”**, comentou.

Atuando na enfermagem há menos de cinco anos, Patrícia já entende que, para muitos, ela pode ser o rosto amigo num momento de dor ou a voz tranquilizadora para amenizar o medo.

“A gente sabe que a enfermagem tem como principal característica o cuidado com o próximo e isso é o que mais me motiva até hoje. Acho que nasci pra isso, realmente nasci para trabalhar na enfermagem”, refletiu.

Nascida no município de Catingueira, Patrícia já trabalhou no Serviço de Atendimento Móvel

de Urgência (Samu), enfermarias e Unidades de Terapia Intensiva (UTI), passando por vários municípios da Paraíba, como Patos, Piancó e Santa Rita. Sempre com um sorriso no rosto, ela busca encarar a vida de uma forma leve e alegre, tentando levar pelo menos um pouco dessa alegria a quem está ao seu redor, contagiando os locais por onde passa.





A certeza de Patrícia de que escolheu a profissão certa se confirma a cada dia de vivência na enfermagem e a cada paciente que passa por seus cuidados. A lembrança dos sorrisos de um paciente em especial ajudam a amenizar as duras memórias de um dos momentos mais difíceis de sua carreira. Durante a pandemia de Covid-19, ela atendeu um paciente com Síndrome de Down, que passou três meses no hospital onde trabalhava.

“A equipe toda se apegou muito a ele, que era nossa alegria nos dias em que estávamos angustiados, pois ele sempre fazia uma brincadeira ou algo que nos colocava pra cima. Foi um período que mexeu muito com o psicológico, principalmente na enfermagem, mas ele foi nosso porto seguro durante os três meses que passou conosco”, recordou.

Mas nem todas as lembranças são boas. Os pedidos de socorro ainda estão presentes na memória de Patrícia. Em sua mente vem o dia em que o marido de uma colega de trabalho necessitou de seus cuidados. “A esposa dele trabalhava no hospital e, no momento da visita, ele teve uma parada cardíaca na frente dela. Foi uma situação muito triste, ela chorando, desesperada, e me pedindo para ajudar o marido, para eu não me cansar até conseguir salvá-lo. Chegamos a fazer massagem cardíaca nele, fizemos tudo que podíamos, mas ele foi a

“A gente sabe que a enfermagem tem como principal característica o cuidado com o próximo e isso é o que mais me motiva até hoje. Acho que nasci pra isso, realmente nasci para trabalhar na enfermagem”, refletiu.



óbito. Foi muito triste”, relatou.

O coração acelerou ao lembrar da perda mais difícil de sua vida. **“A situação que mais me marcou, eu posso dizer que foi o óbito da minha mãe. Ela ficou internada em uma das UTIs em que eu trabalhava e eu tive que lidar com essa situação. Eu tive que aprender a me controlar e ir trabalhar, mesmo com tudo o que estava acontecendo. Chegar no meu local de trabalho e ter uma pessoa que eu amo ali na minha frente, entubada e passando por tudo aquilo... Por um momento eu cheguei a desacreditar na ciência, na saúde e acreditei apenas em Deus”**, contou, emocionada.

A dor da perda não desapareceu, e possivelmente não desaparecerá completamente, mas numa rede de apoio familiar se torna mais suportável. Patrícia tem sua família como seu porto seguro, um refúgio onde encontra abraços calorosos e palavras de conforto. Atualmente, Patrícia se divide entre Catingueira, onde mora com suas tias, e Patos, onde, além do trabalho na Hemodinâmica, encontra o acolhimento da casa do pai. Acolhimento este que esquentava o coração nos momentos de descanso. “Gosto de visitar meu pai, minhas irmãs, meus sobrinhos e meus primos. Somos muito família e muito apegados uns aos outros”, comentou.

Não é só com a família que Patrícia compartilha o seu tempo livre. Na



agenda dela, também tem espaço garantido para o namorado, os amigos e as atividades da igreja, onde canta e participa de diversos outros grupos. “Comigo não tem tempo ruim. Eu levo esse lema pra minha vida e, por isso, estou sempre sorrindo e tentando lidar com as situações da melhor forma possível. No meu dia a dia, sou uma pessoa caseira, gosto de ficar em

casa, mas também de ir à igreja e, às vezes, sair para um barzinho. É o que faço quando não estou no trabalho”, disse.

Com tanto amor ao que se dedica a fazer todos os dias, para ela, o trabalho já é motivo de estar grata. Mas, num dia em especial, a gratidão pedia uma grande comemoração. “Receber a notícia do



pagamento do piso foi muito gratificante, principalmente por ver a valorização aos técnicos de enfermagem sendo reforçada. Acho que nós, profissionais de enfermagem da PB Saúde, somos privilegiados porque fomos os primeiros na Paraíba a receber o piso salarial da categoria”, comemorou a técnica em enfermagem, que tem esperança de outras melhorias para os companheiros de profissão.

“Eu diminuiria a carga horária da categoria e investiria em assistência psicológica para a equipe de

enfermagem, porque, em decorrência da pressão e responsabilidades do nosso trabalho, muitos profissionais se sentem ansiosos e sobrecarregados, só conseguem dormir à base de medicações. Eu espero nunca precisar, mas conheço pessoas que sim e isso me deixa muito triste”, disse.

Além do suporte psicológico, a técnica em enfermagem defende o investimento na Educação Permanente em Saúde. “É algo que temos na PB Saúde, mas outras instituições não oferecem capacitações a seus

colaboradores. Com treinamentos e educação continuada, os profissionais estariam mais qualificados para desempenhar suas funções e, no final, o paciente é o mais beneficiado com tudo isso”, afirmou.

É notório nas palavras de Patrícia que o paciente é sua prioridade e, por isso, mesmo acerca dos dias não muito bons, ela define a enfermagem como “um ato nobre de paciência”. Paciência esta que segue movendo a técnica com zelo e apreço na execução dos seus processos de trabalho.

Enfermagem na gestão? PRESENTE!

Márcia Germana

Oferecer cuidados, apoio e conforto aos pacientes e seus familiares. É com esse objetivo que a enfermeira Márcia Germana de Oliveira trilha seu caminho profissional e, todos os dias, sai de João Pessoa com destino a Santa Rita, sempre em busca de proporcionar o melhor aos pacientes do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, onde atua como coordenadora da UTI e Internação Clínica.

O contato com pacientes de longa permanência, que necessitam de cuidados paliativos, é constante na rotina de trabalho de Márcia, marcando de forma especial sua jornada na enfermagem. “Nos cuidados paliativos, nós conseguimos tocar os pacientes integralmente, muitos dos quais nós conseguimos desospitalizar, e podemos contemplar histórias muito bonitas das famílias”, disse.

Ao lado de uma equipe multidisciplinar formada por médico, fonoaudiólogo, nutricionista, farmacêutico, psicólogo, assistente social e terapeuta ocupacional, a enfermeira integra a Comissão de Cuidados Paliativos do Hospital Metropolitano. “Iniciamos esse trabalho empiricamente e vimos que a necessidade pelos cuidados paliativos foi aumentando a cada dia. Com esse olhar



da equipe multidisciplinar, nós temos condições de chegar mais rápido a todas as necessidades do paciente”, ressaltou.

Não foram poucas as experiências vivenciadas profissionalmente com os cuidados paliativos. Mas o que Márcia nem imaginava é que um dia toda a sua vivência do hospital seria levada também para sua própria casa, ao cuidar paliativamente do seu pai. **“Eu pude fazer palição ao meu**

pai. Então, pra mim, isso foi de uma importância gigantesca. Eu ter vivido essa experiência e poder ter ofertado a ele dignidade no fim de sua vida, poder atender aos desejos do coração dele. E é pra isso que a gente está, para auxiliar as famílias, auxiliar os pacientes e trazer esse conforto”, lembrou.

Mesmo em cargo de gestão, o dia a dia da rotina hospitalar exige de Márcia envolvimento com o trabalho assistencial. “Dentro



da UTI Clínica, quando a gente recebe um paciente que não tem um prognóstico tão positivo, precisamos potencializar nossa humanização e jogamos o ‘pozinho do amor’. Aos poucos, esse paciente começa a ter uma curva de melhora até sair da UTI para a enfermaria. Acompanhar todo esse processo é muito gratificante”, declarou com sorriso no rosto.

Com o desejo de fazer sempre mais pelo paciente, Márcia iniciou sua carreira na enfermagem, como técnica, há 14 anos. Muitos desses anos foram acompanhados pelo som da sirene do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), onde Márcia adquiriu parte fundamental de sua prática profissional, salvando vidas dia após dia. A rotina corrida exigia não apenas conhecimento técnico, mas também preparo físico e resiliência emocional para enfrentar os desafios impostos em cada ocorrência.

“Na minha experiência de assistência pré-hospitalar, eu vivi muitas situações com a equipe, em que pegamos um paciente tendo uma parada cardiorrespiratória e, seguindo todos os protocolos dentro de uma Unidade de Saúde Avançado, ajudamos aquele paciente a voltar à vida. Essa prática de trazer o paciente de volta à vida é algo que me deixa muito feliz”, afirmou.

O cuidado que Márcia dispensa a



seus pacientes é reflexo do cuidado que ela dedica diariamente a sua família, sempre reservando um espaço especial em seu tempo para estar com o marido e a irmã. É com a companhia deles que a enfermeira conta ao voltar todos os dias de seu trabalho, em Santa Rita, para sua casa, em João Pessoa.

“Os dois participam de todo o meu dia a dia. São meus companheiros,

além da minha prima, que me ajuda a tomar conta da minha irmã, que é especial. Por não termos pai e mãe vivos, minha irmã se tornou minha filha. Ela sempre me liga quando estou fora de casa e me pergunta se estou bem. Pra mim, isso é maravilhoso. De dia, ela fica com minha prima e, quando estou de plantão, à noite, quem cuida dela é meu esposo. Ele é quem me aconselha e participa

de tudo na minha vida”, contou.

Mas seus momentos de folga não são preenchidos apenas pela família. Márcia tem outras paixões além da enfermagem e, uma delas, é a música. Cada nota, cada pausa, cada verso é como se o tempo parasse e todas as preocupações desaparecessem, renovando a alma. Ao cantar, Márcia compartilha um pouco de seu mundo interior com quem está ouvindo.

“A música é uma paixão em minha vida desde muito cedo. Como fui da Comunidade Católica Doce Mãe de Deus, a Igreja trouxe essa facilidade de participar dos projetos envolvendo música. Então já fiz bastante coisa, mesmo não sendo profissionalmente. Na minha adolescência, eu fazia aulas de canto, dança e teatro. Para mim, fazer arte é curativo”, disse.

Os momentos de fazer arte ou mesmo de estar mais tempo com a família não são tão frequentes quanto Márcia gostaria que fossem. Por isso, para ela, a renúncia é um ponto desafiador da profissão. “É perder um Dia das Mães, um jantar ou almoço de Natal, o aniversário do esposo, uma reunião familiar para cuidar de quem você não conhece e deixar os seus em casa”, refletiu.

Márcia poderia citar muitos outros desafios na rotina da enfermagem, mas revelou que o maior de todos, em sua vivência, é atender às ex-





pectativas em torno da recuperação. “Todos os dias são desafiadores na enfermagem, porque estamos assistindo o paciente que está vulnerável e um dos maiores desafios, para mim, como enfermeira, é atender às expectativas que o paciente e a família estão criando no atendimento e no prognóstico. Então eu tento participar de tudo isso de uma forma positiva, sempre pensando no melhor para o paciente”, afirmou.

Por outro lado, em meio a tantos desafios, há conquistas a serem lembradas, como o pagamento do piso salarial da categoria. “Hoje somos uma parcela de profissionais privilegiados, principalmente nós que somos da Fundação PB Saúde, que foi a primeira a pagar o piso salarial na Paraíba. Infelizmente ainda não é uma realidade

para todos os profissionais de enfermagem do Brasil e eu gostaria que nossa classe tivesse uma vida mais digna”, declarou.

Mas os desafios e dificuldades encontrados no meio da caminhada profissional não são capazes

de parar Márcia, pois seu desejo de cuidar é orgânico. **“Acho que sempre tive aptidão para enfermagem, um olhar voltado para o cuidado. O paciente é o amor da vida de alguém e o nosso trabalho é fazer com que ele, que é o amor da sua família, receba alta e volte para o seu convívio. Por isso eu fiz enfermagem: para tentar, ao máximo, diminuir a dor, o sofrimento e as angústias do paciente e da família”**, disse.

É com a certeza do cumprimento de seu ofício que Márcia segue, todos os dias, sendo sinônimo de luz e alívio para a dor e as angústias de seus pacientes, tentando transmitir, também, a outros enfermeiros a importância de ter um coração cada vez mais humano, uma atitude cada vez mais responsável e um olhar cada vez mais acolhedor.



Enfermagem na intensiva? PRESENTE!

Lourinaldo Gonçalves

O som do bip dos aparelhos médicos, revisão de prontuários, administração de medicamentos, monitoramento contínuo dos sinais vitais dos pacientes. Tudo isso faz parte dos plantões do enfermeiro intensivista Lourinaldo Gonçalves, que atua na UTI Clínica do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita. Sua rotina de trabalho envolve uma série de responsabilidades para garantir a saúde e a segurança dos pacientes que estão internados.

Uma rotina que ele não imaginava para sua vida quando ainda era criança lá no município de São Sebastião de Lagoa de Roça, no interior da Paraíba. Afinal, Lourinaldo não pensava em trabalhar na área de saúde. Em seus planos, ele iria cursar alguma faculdade na área de Comunicação Social. Mas os acasos da vida reservam surpresas e uma experiência pessoal mudou os planos para o seu futuro profissional. E a área da saúde, que estava fora de cogitação, passou a ser o seu objetivo de vida.

“Eu não sonhava em ser enfermeiro, nem nada relacionado à área de saúde. Eu tive uma experiência de doença quando eu era adolescente, em que fiquei



hospitalizado e, a partir dali, eu tive um olhar diferenciado para a enfermagem e comecei a perceber o cuidado de uma forma mais especial”, lembrou.

Quando concluiu o ensino médio, Lourinaldo decidiu que realmente queria trabalhar na área de enfermagem e ingressou no curso técnico. “Depois que eu entrei no curso de técnico em enfermagem, eu prestei vestibular para o curso superior de enfermagem e fui aprovado”, disse o enfermeiro, que utiliza sua profis-

são como forma de retribuir todo o cuidado que recebeu quando esteve em um leito de hospital.

Muito antes de ingressar no Hospital Metropolitano, Lourinaldo iniciou sua carreira na enfermagem trabalhando em um laboratório localizado em sua cidade. Ainda no interior do estado, ele atuou numa policlínica e numa base descentralizada do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu).



Em seus 10 anos de enfermagem, Lourinaldo, assim como os outros profissionais da área, guarda na memória momentos especiais no decorrer de sua carreira. No período da pandemia da Covid-19, Lourinaldo integrava o grande time que estava na linha de frente no enfrentamento da doença.

“Durante a pandemia, ficaram internos na mesma unidade em que eu trabalhava, a mãe, o pai e o filho. Eu tive um contato mais especial com a mãe e tentava fazer o dia dela melhor, porque ela via o filho de um lado e o marido do outro em estado grave. Só ela estava acordada e vendo tudo aquilo. Eu nunca esqueci que ela dizia que preferia morrer antes do filho e do marido, mas não foi o que aconteceu e ela viu a morte dos dois. Eu acompanhei todo aquele processo até o dia que ela morreu também. Quando ela faleceu, eu fiquei muito comovido, como se fosse alguém da minha família”, lembrou com tristeza o enfermeiro.

“Foi nessa época que comecei a fazer curso superior. Quando terminei a graduação, vim para João Pessoa trabalhar no Hospital de Trauma ainda como técnico em enfermagem. Depois trabalhei, já como enfermeiro, num residencial de idosos e em outro hospital”, contou.

Todo esse cuidado dedicado aos pacientes na UTI Clínica do Hospital Metropolitano é compartilhado

com outros colegas profissionais da área de saúde. Além do enfermeiro, os plantões na unidade contam ainda com médico, fisioterapeuta e técnicos em enfermagem, um complementando o trabalho do outro na assistência ao paciente. “Por ser um hospital de referência, é uma experiência diferente das que eu já tive em minha carreira, onde posso evoluir e aprender muito para minha vida profissional e pessoal”, disse.

A trajetória de Lourinaldo como enfermeiro também foi marcada por uma paciente, em especial. “Foi uma jovem de 19 anos, diagnosticada com leucemia. Era o segundo câncer dela. Primeiro ela teve um osteossarcoma, depois de um ano curada, ela teve uma leucemia e foi para o hospital em uma situação grave. Havia dias em que a gente achou que ela não resistiria, sem muita resposta, e depois

essa menina começou a reagir de uma forma inacreditável. Pela fé da mãe, pela fé da família, ela saiu da UTI, fez o transplante de medula e conseguiu se recuperar daquela situação. Depois, criamos um vínculo de amizade e até hoje tenho contato com ela e a família”, recordou.

Lourinaldo compartilha um pouco de sua rotina nas redes sociais, onde possui 48 mil seguidores em um perfil dedicado às suas experiências com a enfermagem. “Eu sempre fui muito ligado nas redes sociais. Então comecei a fazer publicações sobre plantões e um vídeo viralizou com 1,5 milhão de visualizações. A partir daí, as pessoas começaram a perguntar por que eu não fazia vídeos sobre enfermagem e assim eu fiz. Comecei a publicar, também, sobre procedimentos, aumentando o número de seguidores”, relatou.

Ele contou que busca publicar conteúdos interessantes sobre a área de enfermagem. Em seu perfil, ele gosta de compartilhar dicas, curiosidades e situações corriqueiras da profissão de forma bem humorada. “Às vezes eu tenho dúvida por onde começar a fazer os posts. Então busco ideias que sejam atrativas para o público e tento manter o perfil sempre atualizado”, explicou.

Além do enfermeiro Lourinaldo Gonçalves dos plantões e das redes



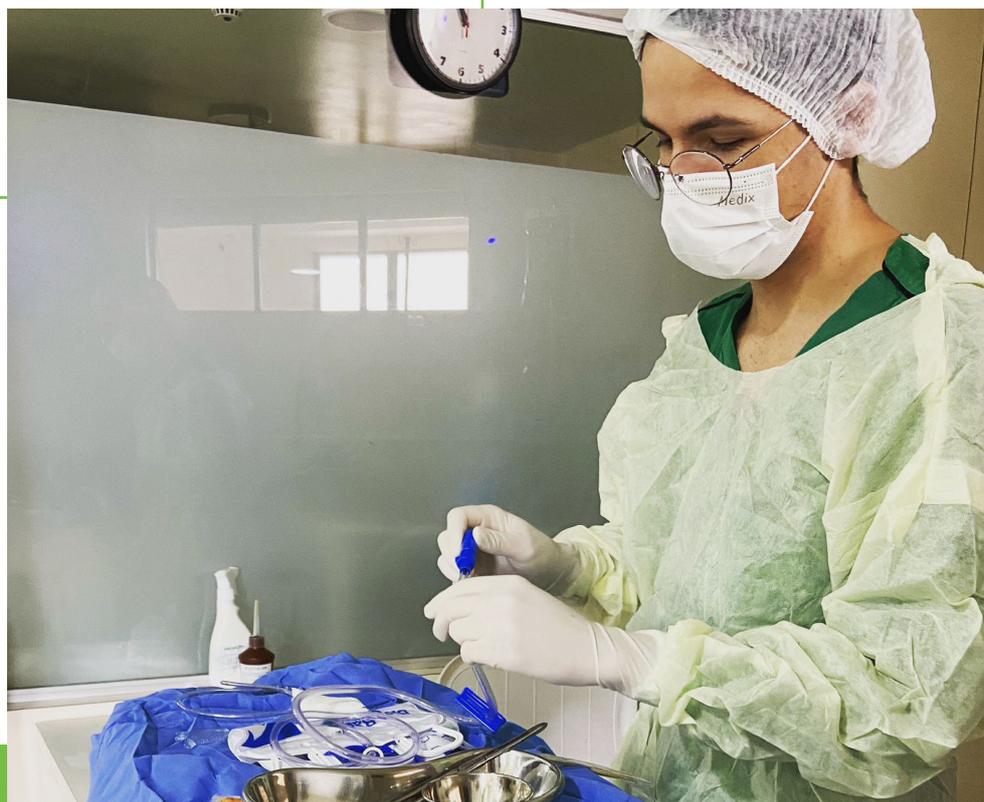
sociais, em sua vida privada, há o pai de família que gosta de estar em casa com sua esposa e seus dois filhos: um menino de 10 anos e uma menina de 6 anos de idade. “Quando não estou trabalhando, tento curtir o meu momento em casa com a família”, disse. Seu passatempo preferido é maratonar seriados nas plataformas de *streaming*. “Eu adoro acompanhar séries de drama e comédia, sempre as mais comentadas, porque não tenho disposição de procurar alguma para assistir”, disse.

Lourinaldo é grato pela vida que tem hoje, tanto pessoalmente como profissionalmente. Mas se pudesse fazer algo pelo futuro da enfermagem, seria investir na valorização de todos os profissionais da categoria de forma igualitária. **“Hoje, na PB Saúde, nós recebemos o piso salarial e vemos como é diferente trabalhar tendo o devido reconhecimento. Não que trabalhemos exclusivamente por dinheiro, mas nos sentimos valorizados”**, disse o enfermeiro.



Ele lembrou que foi pego de surpresa pela notícia do pagamento do piso salarial da enfermagem e comemorou ao saber da boa notícia. “Eu estava com baixas expectativas e quando anunciaram que iam pagar o nosso piso, acho que todos ficamos numa euforia só, porque refletiu até na qualidade de vida, já que alguns profissionais deixaram escalas em outros postos de trabalho para trabalhar num só local. Então, foi uma felicidade imensa, não só por mim, mas por todos os colegas”, recordou.

Apesar das duras lutas dos profissionais da enfermagem, cada Lourinaldo, cada Patrícia, cada Márcia e cada Marília se orgulha do trabalho que exercem com amor e dedicação imensuráveis. Todos os dias, esses heróis silenciosos enfrentam desafios que muitos não poderiam imaginar: o peso das histórias de vidas interrompidas, as lágrimas não derramadas, as despedidas sem palavras. Mesmo assim, eles continuam, com uma força que parece infinita, com uma esperança que nunca vacila. Porque, para eles, cada pessoa que cuidam é uma promessa de que o amor e a humanidade ainda florescem em meio às dificuldades.



ALTA COMPLEXIDADE

A REVISTA DIGITAL DA FUNDAÇÃO PB SAÚDE | ISSN 2764-0833

GOVERNADOR
João Azevêdo

VICE-GOVERNADOR
Lucas Ribeiro

SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE
Jhony Bezerra

PB SAÚDE

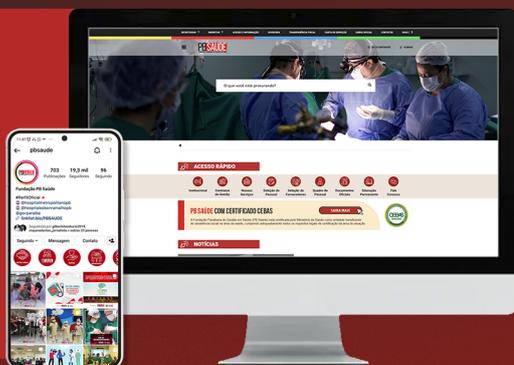
DIRETOR-SUPERINTENDENTE
Ari Reis

DIRETORA DE ATENÇÃO À SAÚDE
Ilara Nóbrega

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Alexandre Bento

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Mayara Dantas

Ano 2024



 (83) 3229-9100

 @PBSAÚDE

 PBSAÚDE.PB.GOV.BR



**GOVERNO
DA PARAÍBA**